



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

LUIZ FELIPE BATISTA MORATO

**O PAPEL DOS INTELECTUAIS: UMA REFLEXÃO DIALÓGICA ENTRE OS
PENSAMENTOS DE EDWARD SAID E ANTONIO GRAMSCI**

São Cristóvão

2025

LUIZ FELIPE BATISTA MORATO

O PAPEL DOS INTELECTUAIS: UMA REFLEXÃO DIALÓGICA ENTRE OS
PENSAMENTOS DE EDWARD SAID E ANTONIO GRAMSCI

Trabalho de Conclusão Curso II apresentado ao
Departamento de Relações Internacionais como
requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Geraldo Adriano Godoy de
Campos.

São Cristóvão

2025

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço o Prof. Dr. Geraldo Campos, meu orientador, por todo o incentivo e paciência ao longo da graduação. Foi por meio de suas indicações que pude começar a encontrar um sentido para minhas várias intenções. É por meio de intelectuais como você que ainda é possível acreditar, em meio ao atual marasmo, numa Universidade mundana, engajada e popular, como o Tabuão de Pedro Archanjo.

Aos membros da banca, Thiago Franco e Ahmed Zoghbi, agradeço pelos importantes comentários feitos durante a banca de TCC I, que espero ter contemplado nesta versão final.

A Thiago agradeço por sempre lembrar que devemos nos recordar constantemente de onde falamos e porque dizemos o que dizemos. Além disso, a lembrança de seus comentários de que o trabalho acadêmico não deve ser um processo sofrível foi de particular importância durante esta reta final da graduação.

A Ahmed meu muito obrigado pelos diálogos esclarecedores sobre Edward Said, as correções oportunas e direcionamentos. Mas, sobretudo, agradeço por sua insistência inspiradora no valor formador da literatura.

Ao Centro de Estudos Árabes e Islâmicos, pelas amizades, pelo ambiente estimulante, por ser um farol que ilumina o Departamento de Relações Internacionais.

Aos meus companheiros de graduação, meus amigos Lucas, Fred, Lorena, Iza, Stella e Lucho, obrigado por cada abraço, conversa e copo bebido. Vocês fizeram que tudo valesse a pena.

A Joara, agradeço a paciência, o carinho e a cumplicidade. Obrigado por estar a meu lado ao longo desses anos e trocar comigo devaneios e descobertas.

Finalmente, gostaria de agradecer toda minha família, em especial a meus pais, Luiz Alberto e Rosinadja, que sempre me apoiaram em todos os momentos de minha vida e são meus maiores influenciadores.

Meu pai me ensinou a observar e encontrar a paz nos pequenos detalhes, como a vista do mar ou o toque dos ventos, e, sobretudo, me fez entender que “a vida não é útil”.

Minha mãe sempre incentivou meus interesses e talvez tenha sido a pessoa que mais acreditou em minhas capacidades, mesmo quando eu era aquele que mais duvidava de mim.

Antes que acabe a seção de agradecimentos, não poderia deixar de agradecer a minha gatinha Sagwa, que esteve presente, sentada em meu colo, em praticamente todos os momentos de leitura e escrita madrugada adentro.

Agradeço também a todos que porventura tenha esquecido de mencionar, mas que compartilharam comigo a experiência desses quatro anos, entre leituras, mesas de bar, debates e conversas.

Muito obrigado!

*Pra lutar pelos nossos direitos
Temos que organizar um mutirão
E abrir o nosso peito
Contra a lei do circo e pão
E ao mesmo tempo
cantar, sambar, amar, curtir
Só assim tem validade minha gente
Esse nosso existir*
(Bandeira da Fé - Martinho da Vila/Zé Catimba)

RESUMO

Esta monografia se propõe a analisar de que maneira o intelectual palestino Edward Said trata o papel dos intelectuais em sua obra, em especial a partir de sua leitura particular dos escritos do dirigente comunista sardo Antonio Gramsci. Os intelectuais não são observadores neutros, mas sim agentes ativos, que atuam inseridos nas relações de disputa pelo poder. A interlocução entre esses dois autores permite que seja construída uma perspectiva de resgate do papel do intelectual como “persuasor permanente”, um *outsider*, que desafia as estruturas de poder se colocando à margem, contrastando com a figura hegemônica do profissional especialista, que, em geral, atua na legitimação das relações de opressão ou se silencia frente a elas. Ao final, as conclusões desenvolvidas pelo trabalho colocam em evidência questões pertinentes à formação dos intelectuais do campo das Relações Internacionais.

Palavras-chave: Intelectuais; Edward Said; Humanismo; Antonio Gramsci.

RESUMEN

Esta monografía se propone analizar de qué manera el intelectual palestino Edward Said aborda el papel de los intelectuales en su obra, en especial a partir de su lectura particular de los escritos del dirigente comunista sardo Antonio Gramsci. Los intelectuales no son observadores neutrales, sino agentes activos que actúan insertos en las disputas por el poder. La interlocución entre estos dos autores permite construir una perspectiva que reivindica el papel del intelectual como “persuasor permanente”, un *outsider* que desafía las estructuras de poder colocándose al margen, en contraste con la figura hegemónica del profesional especialista, quien, por lo general, actúa para legitimar las relaciones de opresión o permanece en silencio frente a ellas. Al final, las conclusiones desarrolladas por este trabajo ponen de relieve cuestiones pertinentes a la formación de los intelectuales en el campo de las Relaciones Internacionales.

Palabras clave: Intelectuales; Edward Said; Humanismo; Antonio Gramsci.

ABSTRACT

This work aims to analyse how the palestinian intellectual Edward Said addresses the role of intellectuals in his work, especially through his particular Reading of the writings of the sardinian communist leader Antonio Gramsci. Intellectuals are not neutral observers but active agentes who operate within power struggles. The dialogue between these two authors makes it possible to construct a perspective that rescues the role of the intellectual as a “permanente persuader”, an *outsider* who challenges power structures by positioning himself on the margins, in contrast to the hegemonic figure of the professional *especialista*, who generally legitimizes relations of oppression or remains silent in the face of them. In the end, the conclusions developed by this work highlight relevant issues to the formation of intellectuals in the field of International Relations.

Key-words: Intellectuals; Edward Said; Humanism; Antonio Gramsci.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 NOTAS SOBRE EDWARD SAID	12
1.1 Breve biografia.....	12
1.2 O intelectual para Edward Said.....	15
1.3 Filiação e Afiliação	21
1.4 O Profissionalismo e suas pressões.....	26
2 NOTAS SOBRE ANTONIO GRAMSCI	31
2.1 Breve biografia.....	31
2.2 Algumas observações sobre os Cadernos do Cárcere.....	32
2.3 O intelectual para Antonio Gramsci	35
2.4 O problema pedagógico da especialização	39
3 SAID LEITOR DE GRAMSCI	43
3.1 A Questão Meridional e o <i>contraponto</i>	50
3.2 Considerações saidianas para uma leitura de Antonio Gramsci	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	62

INTRODUÇÃO

Os intelectuais são agentes que desempenham um papel fundamental na construção, destruição, transformação ou manutenção de estruturas sociais. Eles podem afiliar-se tanto à manutenção das diversas opressões que afligem a humanidade quanto ao seu combate. Podem fechar os olhos para as realidades inconvenientes e desconfortáveis que os cercam ou podem estar atentos e permanecer em pé na defesa das vítimas da tragédia humana, trata-se de uma escolha. Esta pesquisa parte do pressuposto de que o intelectual não é um observador imparcial, mas um agente cujo trabalho está inevitavelmente imbricado em relações de poder e disputa.

Neste sentido, a obra do intelectual palestino Edward Said representa uma contribuição fundamental, ao munir seu leitor de um instrumental que o permite desvelar as máscaras de neutralidade que permeiam o “discurso profissionalista”. Discurso este, que induz uma atitude passiva aos intelectuais, que deveriam questionar a autoridade e o poder, permitindo que estruturas de dominação e desigualdade sejam naturalizadas, servindo aos interesses hegemônicos.

Desse modo, a interlocução entre Edward Said e o dirigente comunista Antonio Gramsci, um de seus mais importantes influenciadores, adquire grande relevância. Assim como Said, o intelectual sardo compreende o intelectual não como uma figura isolada e distante, mas como um sujeito socialmente engajado, dotado de agência e que possui o dever desconstruir as narrativas que legitimam o poder hegemônico. Para Gramsci, é papel do intelectual ser um “persuasor permanente”, disputar o senso comum e ter como critério o entendimento de unidade entre teoria e prática (*práxis*).

O diálogo entre suas perspectivas tem o potencial de iluminar a atualidade, na qual o “mundo grande e terrível e complicado” de Gramsci, sobre o qual se debruçam os acadêmicos e acadêmicas das Relações Internacionais, parece ainda maior, ainda mais complicado e terrível. Neste contexto, torna-se uma tarefa urgente resgatar o sentido do intelectual público que fala a verdade ao poder, que toma partido, que está a serviço da libertação da humanidade, na contramão de uma intelectualidade abstrata, vendada pelos descaminhos da especialização, que reproduz uma postura seletivamente acrítica e alienada.

Em termos estruturais, o presente trabalho se divide em três capítulos, que operam de maneira articulada. O primeiro abordará a maneira com a qual a categoria de “intelectual” é entendida e articulada por Edward Said em sua obra, com enfoque no livro *Representações do Intelectual*, de 1994. O capítulo será subsidiado por questões que atravessam a perspectiva saidiana sobre o papel do intelectual, em especial suas noções de “humanismo crítico”,

“libertação”, “filiação”, “afiliação” e “profissionalismo”. Para tanto, serão mobilizadas as obras *The World, the Text and the Critic*, publicada em 1983 (em especial o ensaio *Secular Criticism*), e *Cultura e Imperialismo*, de 1991. Além disso, o capítulo contará com o auxílio da obra *A Said Dictionary*, do crítico literário indiano Rajagopalan Radhakrishnan.

O segundo capítulo enfocará o tratamento dado à categoria de “intelectual” pelos escritos de Antonio Gramsci, particularmente em um de seus *Cadernos do Cárcere*, o *Caderno 12*, no qual enfoca a questão. Além disso o capítulo também se valerá de obras de comentadores, especialmente de *Antonio Gramsci, o homem filósofo: uma biografia intelectual* do professor Gianni Fresu, publicada em italiano em 2019 e traduzida em 2020 para o português, e de *Intelectuais, educação e escola: um estudo do Caderno 12 de Antonio Gramsci*, publicada em 2021 pelo filósofo Giovanni Semeraro. Será possível, assim, compreender as noções importantes como as de “intelectual orgânico” e “intelectual tradicional”.

No terceiro capítulo o foco será a apreensão saidiana do referencial gramsciano e a forma com a qual o mobiliza. Para isso, será analisado o ensaio inconcluso *Alguns temas da Questão Meridional* de Antonio Gramsci e a leitura desenvolvida por Said em *Cultura Imperialismo*. Como forma de auxiliar esta análise, o capítulo se valerá da obra *As rosas e os Cadernos* do filósofo italiano Giorgio Baratta, na qual comenta a interpretação saidiana da questão meridional. Após isso, será analisado o ensaio *História, literatura e geografia*, publicado na coletânea *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*, no qual Said expõe sua maneira de ler a obra gramsciana.

Por fim, é objetivo deste trabalho analisar as visões saidiana e gramsciana sobre o papel dos intelectuais. Além disso, também é objetivo desta monografia evidenciar como a interlocução entre os dois autores pode contribuir para a reafirmação da figura do intelectual engajado como agente de transformação social.

1 NOTAS SOBRE EDWARD SAID

*As coisas estão no mundo
Só que eu preciso aprender*
(Paulinho da Viola)

1.1 Breve biografia

Edward Wadie Said (1935-2003) foi um intelectual palestino nascido em Jerusalém no dia 1 de novembro de 1935. O filho mais velho entre três irmãs, Said teve uma infância tranquila, sustentada pelas condições materiais que os negócios do seu pai, Wadie, sempre garantiram. Estas condições proporcionaram ao jovem Said um ambiente cultural que o colocou em contato, desde cedo, com os cânones da literatura e da música ocidentais. Seu contexto privilegiado o deu acesso a uma formação de qualidade, dentro e fora das escolas em que estudou.

Apesar de palestina, sua família transitava entre Jerusalém e a cidade do Cairo, na qual se fixariam após a *Nakba*¹ — o processo contínuo de limpeza étnica empreendido pelos sionistas contra o povo palestino². Tanto em Jerusalém quanto no Cairo, Said estudou em escolas de formação inglesa e estadunidense³. Após 1951, por vontade de seu pai, mudou-se para os Estados Unidos e passou a estudar na escola interna *Mount Hermon School*, em Massachussets, onde foi submetido a uma longa, rigorosa e repetitiva rotina de estudos⁴.

No ano de 1953, ingressou na Universidade de Princeton onde se graduou em literatura no ano de 1957. Em sua autobiografia, Said caracterizou os cursos que frequentou em Princeton

¹ *Nakba* (النكبة): palavra árabe que significa “catástrofe”; é o nome dado ao processo de expulsão do povo palestino de sua terra natal pelos sionistas. O termo foi cunhado pelo historiador sírio Constantine Zurayk, em sua obra *Ma’na al-Nakba* [O Significado da Nakba], escrita no mesmo ano, enquanto testemunhava a tragédia. Cf. FIGUEIREDO, Carolina Ferreira de. A temporalidade da catástrofe palestina: uma análise da obra de Constantine Zurayk e a formação de uma historiografia da Nakba. *História da Historiografia*, Ouro Preto, v. 17, p. 1-27, 2024. O processo contínuo de limpeza étnica iniciado em 1948 pelos sionistas foi responsável pela expulsão de mais de 700 mil palestinos e palestinianas de suas cidades e vilas natais, que foram tomadas e destruídas ou renomeadas. Cf. KHALIDI, Rashid. *Palestina: um século de guerra e resistência (1917-2017)*. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2024, p. 75; e SAID, Edward. *A questão da palestina*. São Paulo: Ed. Unesp, 2012, p. 17. Para entender o processo de limpeza étnica empreendido pelos sionistas em seus detalhes, cf. PAPPE, Ilan. *A Limpeza Étnica da Palestina*. São Paulo: Editora Sundermann, 2016.

² De acordo com o romancista e ensaísta libanês Elias Khoury, a Nakba deve ser vista como um processo contínuo, pois “lidar com ela como uma história do passado é uma forma de mascarar a luta entre a presença e a interpretação, que nunca parou desde 1948”. KHOURY, Elias. Rethinking the Nakba. *Critical Inquiry*, Chicago, v. 38, p. 1-18, Winter 2012, p. 14, tradução nossa. No original “Dealing with it as a history of the past, is a way to cover the struggle between presence and interpretation that never stopped since 1948”.

³ No intervalo entre 1948 e 1951, Said estudou em uma série de escolas, dentre as quais a *Saint Georges Academy*, em Jerusalém, a *Geriza Preparatory*, *Cairo School for American Children* e o *Victoria College* no Cairo. BRENNAN, Timothy. *Places of Mind: A Life of Edward Said*. London: Bloomsbury Publishing, 2021, p. 23.

⁴ Cf. SAID, Edward. *Fora do Lugar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 332-344.

como “radicalmente históricos em sua organização” e “ministrados por homens da mais alta competência e rigor filológico”⁵. Depois, no ano de 1958, ingressou na pós-graduação em Harvard, onde estudou até 1963, quando obteve seu Ph.D. em literatura inglesa⁶. No mesmo ano, ingressou no Departamento de Inglês da Universidade de Columbia como instrutor⁷, incorporando-se ao quadro efetivo já como professor catedrático em 1972, após recusar tentadoras ofertas salariais para lecionar em outras universidades como a de Illinois, Califórnia, Buffalo e Harvard⁸.

O ano de 1967 foi de particular importância para a trajetória de Edward Said. Foi o ano da “Guerra dos Seis Dias”, empreendida por Israel contra seis nações árabes (Egito, Síria, Jordânia, Iraque, Kuwait e Arábia Saudita), que se encerrou com a vitória acachapante do representante dos interesses ocidentais no Oriente Médio, a consequente derrota do nacionalismo árabe e o agravamento da situação colonial na Palestina. Segundo o próprio Said: “Não fui a mesma pessoa depois de 1967; o choque daquela guerra me levou de volta para onde tudo começou: a luta pela Palestina”⁹.

Depois da guerra, Said começou a aproximar-se da Organização para a Libertação da Palestina (OLP), e, a partir de então, esteve completamente envolvido afiliativamente com a causa palestina, passando a escrever sobre e para o mundo árabe¹⁰ — seu texto *The Arab Portrayed* (1970) teve particular impacto. Em 1974, ajudou na escrita do discurso pronunciado por Yasser Arafat, líder da OLP, na Assembleia Geral das Nações Unidas, que marcou o

⁵ Na sequência, ao falar sobre sua experiência em Princeton, Said afirma: “Minhas leituras em história da música, da literatura e da filosofia formaram a base de tudo o que fiz desde então como acadêmico e professor. A serena abrangência de Princeton me deu a oportunidade de deixar minha mente investigar campos inteiros de estudo, com um mínimo de autoconsciência na época”. SAID, Edward. *Fora do Lugar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 403.

⁶ Said definiu seu período em Harvard como uma “continuação intelectual de Princeton”. Lá, o intelectual palestino se aprofundou nas obras de Giambattista Vico, György Lukács, Jean-Paul Sartre, Martin Heidegger e Maurice Merleau-Ponty. Cf. SAID, Edward. *Fora do Lugar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 421.

⁷ BRENNAN, Timothy. *Places of Mind: A Life of Edward Said*. London: Bloomsbury Publishing, 2021, p. 68.

⁸ BRENNAN, Timothy. *Places of Mind: A Life of Edward Said*. London: Bloomsbury Publishing, 2021, p. 85.

⁹ A Guerra de 1967 impactou Said de tal maneira que, em seus dizeres, “aquilo parecia encarnar o deslocamento que englobava todas as outras perdas, os mundos desaparecidos da minha infância e juventude, os anos apolíticos da minha educação, a pretensão de um magistério desengajado em Columbia e assim por diante” SAID, Edward. *Fora do Lugar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 426, grifo do autor. No entanto, segundo seu biógrafo Timothy Brennan, “Said nunca foi o homem desprendido e apolítico que muitos supunham que ele era até que a guerra de 1967 o forçou ao ativismo”. Na sequência Brennan demonstra que antes mesmo de 67 o jovem Said já dava provas de seu engajamento anti-imperialista. BRENNAN, Timothy. *Places of Mind: A Life of Edward Said*. London: Bloomsbury Publishing, 2021, p. 30, tradução nossa. No original: “Said was never really the detached, apolitical man that many supposed him to be until the 1967 war forced him into activism”

¹⁰ Em entrevista ao jornalista paquistanês Tariq Ali, Said comenta este momento de sua trajetória. Cf. GLOBAL Empire – A Conversation With Edward Said. Vídeo. 30min25s. Publicado pelo canal TeleSUR English. 22 ago. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YvR3qeroQ2M>. Acesso em: 14 jun. 2025.

reconhecimento internacional da OLP como órgão representativo do povo palestino¹¹. Três anos depois, em 1977, Said foi eleito membro independente do Conselho Nacional Palestino e passou a ser reconhecido como o principal porta-voz internacional da causa palestina¹².

Os anos 1980 e 1990 foram marcados por uma grande onda de pessimismo, foi a era do Thatcherismo e do Reaganismo, da guinada conservadora nos EUA e de uma série de invasões empreendidas pelo imperialismo estadunidense (Líbano em 1982, Granada em 1983, Panamá em 1989, Iraque em 1990, Somália em 1991, Haiti em 1994 etc.). Neste contexto, Edward Said foi alvo de uma série de ameaças de morte e teve seu escritório incendiado, em 1985, por militantes da Liga de Defesa Judaica que o acusavam de “nazismo” devido a suas críticas ao “estado” de israel. A partir de 1988 Said começou a criticar a atuação da OLP, em especial a atitude passiva de Yasser Arafat frente a israel. A situação agravou-se com a assinatura dos Acordos de Oslo de 1993¹³, que representaram para Said a capitulação completa¹⁴.

Em 1991, foi diagnosticado com leucemia linfática, doença com a qual conviveu por 12 anos. Apesar das limitações impostas por sua enfermidade e pelos vários tratamentos sob os quais foi submetido, Said continuou sendo uma voz em denúncia das injustiças, continuou cumprindo seu papel como intelectual público, tendo participado de uma série de entrevistas e continuado a escrever até o momento em que sua saúde começou a piorar no início dos anos 2000. Em 2002, no entanto, sua saúde permitiu que conseguisse dar uma entrevista ao jornalista Charles Glass¹⁵. Edward Said faleceu no ano seguinte, no dia 24 de setembro de 2003.

Ao dedicar sua vida à defesa do povo palestino, Said não estava representando apenas seu povo, mas também toda a humanidade, movido por uma racional paixão por todo o gênero humano. Em sua vida, produziu uma obra extensa e fundamental, que fornece a seus leitores um importante instrumental para a análise da complexa totalidade que constitui o mundo secular e os mune da força de sua crítica para combater as injustiças que assolam a humanidade.

¹¹ Cf. YASSER ARAFAT Speech Young at the United Nations in 1974 [English sutitles]. Vídeo. 10min02s. Publicado pelo canal Nader AbuZahrieh. 11 nov. 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SQrbPhrPJ7I>. Acesso em: 14 jun. 2025.

¹² BRENNAN, Timothy. *Places of Mind: A Life of Edward Said*. London: Bloomsbury Publishing, 2021, p. 108.

¹³ Para uma detalhada descrição dos antecedentes, do processo e do fracasso dos Acordos de Oslo assinados em setembro de 1993, cf. PACHECO, Arturo Benito Hartmann. *A reformulação globalizada do espaço e da violência na Palestina: o mecanismo político global-local dos Acordos de Oslo*. 2020. 314 f. Tese (Doutorado em Relações Internacionais: Programa San Tiago Dantas) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Relações Internacionais: Programa San Tiago Dantas, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

¹⁴ BRENNAN, Timothy. *Places of Mind: A Life of Edward Said*. London: Bloomsbury Publishing, 2021, p. 202.

¹⁵ Cf. EDWARD SAID: The Last Interview [2003]. Vídeo. 3h25min22s. Publicado pelo canal Ambakisye-Okang Dukuzumurenji | PhD. 24 fev. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CxW0uJBWVIY>. Acesso em: 14 jun. 2025.

1.2 O intelectual para Edward Said

Edward Said foi um humanista, intelectual e ativista palestino, responsável por importantes contribuições ao pensamento crítico nas humanidades durante as três últimas décadas do século XX. Segundo seu ex-aluno e biógrafo, Timothy Brennan, ele foi um dos mais conhecidos intelectuais públicos dos Estados Unidos durante o pós-guerra, além de ter sido responsável por levar as humanidades ao centro do debate público, sendo esta sua mais importante contribuição¹⁶. Foi a partir da publicação de *Orientalismo*¹⁷, no ano de 1978, que o trabalho de Said se tornou amplamente divulgado e conhecido, vindo a ser considerado um marco para o campo da Teoria Pós-colonial¹⁸. Seu trabalho, no entanto, não deve ser reduzido a esta publicação.

Autor de uma obra extensa, Said escreveu uma série de livros e artigos sobre temas diversos¹⁹, da Teoria Musical à Ciência Política, de modo a questionar as fronteiras rígidas entre as áreas do saber humano. Herdeiro de uma tradição humanística legada por intelectuais como Giambattista Vico, Antonio Gramsci, Eric Auerbach e Theodor Adorno, sua obra é a expressão de uma admirável erudição, aliada à leitura atenta de textos e norteadas por uma sensibilidade que reconhece e denuncia o sofrimento humano. Ainda conforme Brennan, “ninguém, durante o século XX, em nenhuma medida, fez um melhor argumento de que as disputas sobre o significado de textos secularizados [...] influenciam os destinos dos direitos e das terras”²⁰.

O edifício conceitual saidiano é extenso e complexo. Temas como o exílio, o humanismo, o papel do intelectual público e a questão da Palestina são singulares e ao mesmo

¹⁶ BRENNAN, Timothy. *Places of Mind: A Life of Edward Said*. London: Bloomsbury Publishing, 2021, p. 11.

¹⁷ Em seu *Orientalismo*, Said (2007) demonstra como os orientalistas europeus construíram e desenvolveram narrativas, por meio de seu poder autorizado para representar, definir e divulgar os “orientais” e o “Oriente” como categorias essencialistas. Essas narrativas, materializadas em textos, foram se acumulando ao longo do tempo e com o avanço da relação material de dominação entre os assim chamados Oriente e Ocidente. Este acúmulo formou aquilo que Said denominou “cânone orientalista”, um conjunto de textos relacionados e autorreferenciados que conferiam autoridade ao acadêmico orientalista ou ao conhecedor do ‘Oriente’ — especialistas autorizados — para representar, definir e falar pelos orientais e pelo ‘Oriente’. Cf. SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 176-8.

¹⁸ CALFAT, Natalia Nahas C. M. As contribuições de Edward Said à Teoria Pós-colonial: Identidade, Representação e o Oriente como Outro. In: *3º Seminário de Relações Internacionais ABRI (Associação Brasileira de Relações Internacionais)*, 2016, Florianópolis, SC. Anais do 3 Seminário de Relações Internacionais, ABRI, 2016, p. 14-5.

¹⁹ Para uma listagem da obra completa de Edward Said, bem como de uma grande parte de sua fortuna crítica, cf. CALLAGHAN, Clare. Selected Bibliography of Work about and of Edward Said’s Texts. *CLCWeb: Comparative Literature and Culture*, [s. l.], v. 5, n. 4, March 2003.

²⁰ BRENNAN, Timothy. *Places of Mind: A Life of Edward Said*. London: Bloomsbury Publishing, 2021, p. 11, tradução própria. No original: “No one in the twentieth century, at any rate, made a better case that struggles over the meaning of secular texts [...] affect the destinies of rights and land”.

tempo complementares em sua obra, não sendo possível, portanto, hierarquizá-los²¹. Devem, deste modo, ser lidos em conjunto, nunca de forma isolada, o que exige de seu leitor um rigoroso trabalho de releitura atenta. Isto não significa que não seja possível compreender seus principais temas singularmente, mas sim que não se pode fechar os olhos para suas interrelações.

O tema do papel do intelectual é de fundamental importância em toda a *oeuvre* saidiana. De acordo com Brennan, Said sempre tentou, sem sucesso, escrever um estudo profundo a respeito dos intelectuais. Na interpretação do biógrafo, é possível dizer que a participação de Said nas Conferências Reith da BBC²² de 1993, sob o título *Representations of the Intellectual*, teria compensado esta lacuna²³. No curto período de um mês, Said escreveu e gravou o conteúdo de seis conferências, que foram publicadas no ano seguinte na forma de livro, cujo texto permaneceu praticamente inalterado.

Said considerava que as Conferências Reith produziam um material sério, de excelente qualidade, e que não eram limitadas por uma linha “oficial” — inclusive o próprio caráter de sua conferência reforça este argumento. Além disso, a possibilidade de ocupar um espaço que o permitisse falar para um público mais amplo do que seria possível dentro do ambiente acadêmico era muito pertinente. As limitações de tempo impostas pelo formato das Conferências (um programa semanal de trinta minutos apresentado ao longo de 6 semanas) e pelo tempo que dispôs para prepará-las o desafiaram a ser bastante claro e preciso em sua intervenção, feita de modo a não prejudicar a compreensão do tema, descrito pelo próprio Said como “complexo e potencialmente interminável”²⁴.

Desde o anúncio feito pela BBC de que Said seria o convidado do programa do ano seguinte, houve um movimento persistente de críticas. Acusavam-no de ser um ativista em defesa dos direitos dos palestinos, o que supostamente o desqualificava como interlocutor. Sobre isto, Said comenta: “Esse foi apenas o primeiro de uma série de argumentos antiintelectuais e anti-racionais, todos eles, ironicamente, apoiando a tese das minhas

²¹ EL ZOGHBI, Ahmed Hussein. *O pensador e o mundo: A dimensão filosófica da crítica literária de Edward Said*. Orientador: Prof. Dr. Antonio José Pereira Filho. 2024. 134 p. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2024, p. 11.

²² As Conferências Reith (*Reith Lectures*) são um programa anual de palestras transmitido pela British Broadcasting Corporation (BBC). O programa foi inaugurado no ano de 1948 com a conferência *Authority and the Individual*, apresentada pelo filósofo inglês Bertrand Russel (1872-1970). Para acessar o material de áudio das Conferências proferidas por Said em sua integralidade, cf. <https://www.bbc.co.uk/programmes/p00gmx4c>.

²³ BRENNAN, Timothy. *Places of Mind: A Life of Edward Said*. London: Bloomsbury Publishing, 2021, p. 296.

²⁴ SAID, Edward. *Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 15.

conferências sobre o papel público do intelectual como um *outsider*, um ‘amador’ e um perturbador do *status quo*”²⁵. Ainda na sequência:

Foi dito com frequência, por jornalistas e comentadores queixosos, que eu era um palestino, o que, como todos sabiam, era sinônimo de violência, fanatismo, assassinato de judeus. **Nada do que escrevi foi citado: partiu-se do princípio de que era assunto de conhecimento comum.** Além disso, fui descrito no tom pomposo e dramático do *The Sunday Telegraph* como antiocidental, e meus escritos, centrados “em culpar o Ocidente” por todos os males do mundo, principalmente do Terceiro Mundo²⁶.

Estes trechos retirados da Introdução do livro revelam um possível ponto de partida para tratar do tema: o intelectual como um *outsider*. Mas antes, é preciso insistir: Said em nenhum momento trata o intelectual como algo em abstrato, e sim como uma categoria histórica dotada de contexto e desenvolvimento, fruto de contingências que configuram seu caráter, suas preocupações e suas atitudes. Compreende-se, desse modo, que “os intelectuais *pertencem* ao seu tempo”²⁷, assim sendo, é imperioso situá-los (e suas obras) em seus devidos contextos.

No capítulo 1 de *Representações do Intelectual* Said propõe uma análise contrapontual entre dois importantes pensadores, de um lado o filósofo conservador francês, Julien Benda, e de outro o revolucionário e dirigente comunista, Antonio Gramsci. Ele principia com a importante afirmação de Gramsci, escrita em um de seus *Cadernos do Cárcere* enquanto se encontrava preso pelo regime fascista de Benito Mussolini, de que “todos os homens são intelectuais, embora possa se dizer: mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais”²⁸.

Em frente à ampla consideração gramsciana, Said traz à tona a contrastante definição proposta pelo filósofo conservador francês Julien Benda, que considerava os intelectuais como “um grupo minúsculo de reis-filósofos superdotados e com grande sentido moral, que constituem a consciência da humanidade”²⁹. A proposição de Benda está presente em seu

²⁵ SAID, Edward. *Representações do intelectual*: as Conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 10.

²⁶ SAID, Edward. *Representações do intelectual*: as Conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 11, grifo próprio.

²⁷ SAID, Edward. *Representações do intelectual*: as Conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 34, grifo próprio.

²⁸ GRAMSCI, Antonio, *The prison notebooks*: selections, trad. Quintin Hoare e Geoffrey Nowell-Smith, Nova York, International Publishers, 1971, p. 9, citado por SAID, Edward. *Representações do intelectual*: as Conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 19. O mesmo trecho na edição brasileira aparece como: “Todos os homens são intelectuais, se poderia dizer, portanto; mas, nem todos os homens têm na sociedade a função de intelectuais”. GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*: caderno 12 (XXIX): 1932: apontamentos e notas esparsas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais. Rio de Janeiro: IGS-Brasil, 2024, p. 6.

²⁹ SAID, Edward. *Representações do intelectual*: as Conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 20.

famoso *La trahison des clercs* [A traição dos intelectuais], publicado em 1927, um livro que teve o objetivo de criticar os intelectuais que traem seus princípios e sua vocação.

Os verdadeiros intelectuais, para Benda, são “movidos pela paixão metafísica e princípios desinteressados de justiça e verdade, denunciam a corrupção, defendem os fracos, desafiam a autoridade imperfeita ou opressora”³⁰. A traição dos intelectuais se realiza quando esses princípios se tornam interessados, sectários ou partidários. Para Said, a visão proposta por Benda, apesar de ingênua, possui sua valia, pois descreve um intelectual capaz de falar a verdade ao poder e de posicionar-se frente às injustiças, colocando-se à margem.

A visão de Benda valoriza o aspecto individual do intelectual, um sujeito de atitudes que toma partido e se expõe ao risco. Apesar da crítica dirigida à definição metafísica de Julien Benda, Said reconhece a importância desta postura descomprometida do intelectual que ele advogou em sua obra:

Mas no fundo da retórica combativa de Benda encontra-se essa figura do **intelectual como um ser colocado à parte, alguém capaz de falar a verdade ao poder**, um indivíduo ríspido, eloquente, fantasticamente corajoso e revoltado, para quem nenhum poder do mundo é demasiado grande e imponente para ser criticado e questionado de forma incisiva³¹.

Said considera a abordagem de Gramsci sobre os intelectuais muito mais coerente, destacando que a dinâmica social desenhada ao final do século XX, marcada pelo surgimento de novas profissões especializadas, reforça o argumento gramsciano. Também observa que, na atualidade, todos aqueles que trabalham tanto na produção quanto na divulgação do conhecimento podem ser considerados intelectuais segundo a definição gramsciana. No entanto, estes intelectuais atravessam um contínuo processo de especialização:

Todos os intelectuais, o editor de um livro e o autor, o estrategista militar e o advogado internacional, falam e lidam com uma linguagem que se tornou especializada e utilizável por outros membros da mesma área: especialistas que se dirigem a outros *experts* numa língua franca em grande parte incompreensível por pessoas não especializadas³².

A especialização pode ser, desta forma, lida como um processo de fechamento de horizontes para os intelectuais, pois ocasionou a redução de seu público, cada vez mais homogêneo, bem como converteu o intelectual público num profissional (processo que será mais bem focado no tópico 1.4 deste trabalho).

³⁰ SAID, Edward. *Representações do intelectual*: as Conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 21.

³¹ SAID, Edward. *Representações do intelectual*: as Conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 23.

³² SAID, Edward. *Representações do intelectual*: as Conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 24.

Sua crítica à especialização já aparece em *The World, the Text and the Critic*³³ [O Mundo, o Texto e o Crítico], de 1983, em que Said, no ensaio introdutório *Secular Criticism* [Crítica Secular], denuncia a ideia de que as humanidades, por estarem inseridas no campo da cultura (*high culture*), estariam isentas de envolvimento político. Esta ideia levou a um “culto da *expertise* profissional” que valida a neutralidade — ou a não interferência no que Vico chamou de “mundo das nações” — como uma virtude. Essa atitude permite que o intelectual das humanidades encontre coerência em debater os textos (a exemplo dos literários) fora de seus contextos, ou seja, fora do mundo. Said esclarece:

Falamos aos nossos alunos e aos nossos partidários que defendemos os clássicos, as virtudes de uma educação liberal, e os preciosos prazeres da literatura, mesmo que nós também fiquemos em silêncio (talvez incompetentemente) à respeito do mundo histórico e social no qual todas essas coisas acontecem³⁴.

Para Said, os intelectuais são aqueles que possuem vocação para a representação, ou seja, para “dar corpo e articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, filosofia ou opinião para (e também por) um público”³⁵, sendo sua *raison d'être* [razão de ser] a representação de todas as pessoas e problemas esquecidos.

No segundo capítulo de *Representações do Intelectual*, Said considera que “a tarefa do intelectual é universalizar de forma explícita os conflitos e as crises, dar maior alcance humano à dor de um determinado povo ou nação, associando essa experiência ao sofrimento de outros”³⁶. O exemplo desta atitude é fixado na atuação política do psiquiatra e filósofo martinicano Frantz Omar Fanon, que, em seu livro *Les Damnés de la terre* [Os condenados da terra], publicado em 1961, associou o sofrimento dos argelinos durante a guerra civil a outras experiências semelhantes por meio da mobilização da experiência comum do colonialismo³⁷.

Como adição, é possível dizer o mesmo da impressionante conduta internacionalista do Comandante Ernesto Che Guevara, que, após a Revolução Cubana (1959), partiu para outros países com o objetivo de auxiliar movimentos revolucionários locais. No ano de 1965 foi ao Congo e em 1967 para a Bolívia, onde foi executado pela Agência Central de Inteligência (CIA) dos Estados Unidos. Em seu histórico discurso proferido na Assembleia da Organização das

³³ O livro *The World, the Text and the Critic*, publicado no ano de 1983, trata-se de uma coletânea de ensaios de crítica literária escritos ao longo de 12 anos, entre 1970 e 1982.

³⁴ SAID, Edward. *The World, the Text and the Critic*. London: Vintage, 2001, p. 2, tradução própria. No original: “We tell our students and our general constituency that we defend the classics, the virtues of a liberal education, and the precious pleasures of literature even as we also show ourselves to be silent (perhaps incompetent) about the historical and social world in which all these things take place”.

³⁵ SAID, Edward. *Representações do intelectual*: as Conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 25.

³⁶ SAID, Edward. *Representações do intelectual*: as Conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 53.

³⁷ Cf. FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Zahar, 2022, p. 91-101.

Nações Unidas (ONU) em 1964³⁸, em que falou como chefe da delegação cubana, Che Guevara fez importantes críticas à paralisia da ONU frente ao *apartheid* na África do Sul, bem como às políticas de discriminação sob quais eram alvo a população negra dos Estados Unidos. No entanto, o ponto mais ilustrativo de seu discurso foi a leitura de um trecho da Segunda Declaração de Havana (1962):

Nenhuma nação na América Latina é fraca — pois cada uma faz parte de uma família de 200 milhões de irmãos, que sofrem as mesmas misérias, que nutrem os mesmos sentimentos, que possuem o mesmo inimigo, que sonham com o mesmo futuro melhor e que contam com a solidariedade de todos os homens e mulheres honestos ao redor do mundo³⁹.

Voltando a Said, cabe comentar, neste ponto, o que ele tem a dizer a respeito da questão nacional e do intelectual nativo, desenvolvida em seu *Cultura e Imperialismo*. Said afirma que, para Fanon, há na dinâmica da disputa hegemônica imperialista a necessidade da superação do caráter nacional contrarrevolucionário, sendo preciso, em última instância, converter a consciência nacional em consciência social⁴⁰. Assim, “a luta deve ser elevada a um novo patamar de combate, uma síntese representada por uma guerra de libertação, para a qual é necessária uma cultura teórica pós-nacionalista inteiramente nova”⁴¹. O que se busca aqui é a libertação, baseada em um verdadeiro humanismo, isto é, num humanismo livre do “individualismo narcisista, do separatismo e do egoísmo colonialista do imperialismo que justifica o domínio do homem branco”⁴².

O humanismo saidiano, desse modo, afasta-se do humanismo eurocêntrico liberal, que privilegia a cultura ocidental em detrimento de outras culturas. Said prestigia a sutileza da crítica fanoniana, que busca suprassumir o maniqueísmo da dinâmica colonial, visando, assim, a libertação⁴³ — entendida como processo⁴⁴, e não como objetivo —, a “invenção de novas almas”, que prevê uma verdadeira revolução epistemológica. O intelectual deve se manter

³⁸ Para acessar o registro de áudio, cf. <https://www.marxists.org/espanol/guevara/audiovisual/index.htm>.

³⁹ Trecho retirado de <https://www.marxists.org/archive/guevara/1964/12/11.htm>. No texto original: “No nation in Latin America is weak — because each forms part of a family of 200 million brothers, who suffer the same miseries, who harbor the same sentiments, who have the same enemy, who dream about the same better future, and who count upon the solidarity of all honest men and women throughout the world”.

⁴⁰ SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011, p. 411.

⁴¹ SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011, p. 412.

⁴² SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011, p. 413.

⁴³ Nesta mesma chave encontra-se a célebre frase atribuída ao pedagogo socialista brasileiro Paulo Freire: “Se a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser opressor/professor”. Sua educação libertadora e dialógica advogava por um processo ativo de aprendizagem que incentiva o aluno a refletir criticamente sobre sua realidade (sua circunstância), libertando-se do modelo da educação bancária, por meio de uma alternativa problematizadora. Cf. FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 88. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024, p. 79-106.

⁴⁴ SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011, p. 420.

consciente da existência desse maniqueísmo e exercer sua crítica. Enuncia-se, desse modo, um importante princípio: “nunca a solidariedade antes da crítica”⁴⁵.

Todo intelectual possui a escolha de situar-se ao lado dos condenados e esquecidos ou dos poderosos. Esta é considerada por Said a mais importante escolha que o intelectual deve fazer (e inevitavelmente fará), pois “o intelectual é sempre envolvido e implacavelmente desafiado pela questão da lealdade”⁴⁶. A invenção de novas almas se trata de um processo que, por mais que reconheça a necessidade de afiliações a causas nacionalistas em períodos de urgência, não anestesias o senso crítico do intelectual.

O intelectual, portanto, mesmo enquanto representante de uma nacionalidade, deve se esforçar para dar vazão à sua dor, conectando-a com o sofrimento de outros povos de modo a não cair na armadilha de um nacionalismo excepcionalista (é este o caso da instrumentalização do holocausto nazista pelo sionismo). Assim, as lições sobre opressão aprendidas em um determinado momento histórico não serão esquecidas. Nas palavras do próprio Said: “embora nada possa torná-lo mais impopular, o intelectual tem o dever de manifestar-se contra essa posição gregária — e que o custo pessoal dessa atitude vá para o diabo”⁴⁷.

1.3 Filiação e Afiliação

A reflexão iniciada no Capítulo 1 de *Representações do Intelectual* sobre Benda e Gramsci, comentada no início deste capítulo, já havia sido realizada no texto *Secular Criticism*, publicado em 1983, no qual Said identifica a visão do intelectual para Benda — alguém que possui a vocação para a desobediência, comparável a Sócrates ou a Voltaire — com a concepção gramsciana de intelectual orgânico — representante da classe emergente na disputa hegemônica contra a classe dominante.

Aponta-se aqui, que Benda erra por ter atribuído muito poder social ao intelectual em sua análise, “cuja autoridade [...] vem de sua voz individual e de sua oposição às paixões coletivas organizadas”⁴⁸, porém, valoriza-se o fato de que essa voz individual, mesmo que

⁴⁵ SAID, Edward. *Representações do intelectual*: as Conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 43.

⁴⁶ SAID, Edward. *Representações do intelectual*: as Conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 49-50.

⁴⁷ SAID, Edward. *Representações do intelectual*: as Conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 54.

⁴⁸ SAID, Edward. Introduction: *Secular Criticism*. In: SAID, Edward. *The World, the Text and the Critic*. London: Vintage, 2001. p. 15, tradução própria. No original: “whose authority [...] comes from his individual voice and from his opposition to organized collective passions”.

isolada, pode expressar uma resistência local significativa contra a hegemonia. Hegemonia esta que Gramsci e Benda concordam estar intimamente ligada ao papel dos intelectuais.

Para Benda, “a traição dos intelectuais” foi justamente a rendição em massa dos intelectuais ao pensamento hegemônico de sua época. Já para Gramsci, caracterizado por Said como portador de uma “mente mais complexa”, era importante estudar indivíduos como o filósofo italiano Benedetto Croce⁴⁹, que conseguiu introjetar suas ideias no senso, transformando-as, de forma aparente, em expressões da vontade coletiva. Subtraindo de ambos, Said argumenta que a atuação do intelectual, dotado de uma consciência individual, é marcada pela percepção de seu contexto. Assim, ele afirma:

[...] precisamente devido a essa percepção — uma auto-situação mundana, uma resposta sensível à cultura dominante — que **a consciência individual não é, natural e facilmente, um mero fruto da cultura, e sim um ator histórico e social dela**. E por conta dessa perspectiva, a qual introduz circunstância e distinção onde havia apenas conformidade e pertencimento, existe distância, ou o que poderíamos chamar de crítica.⁵⁰

Deste modo, Said demarca sua noção de distância crítica longe do isolamento positivista na relação entre sujeito e objeto⁵¹. A crítica, nesses termos, começa pelo próprio indivíduo. Em termos gramscianos, trata-se de criticar a própria concepção de mundo, que nos faz pertencentes de um determinado grupo, pois “somos conformistas de um determinado conformismo, somos sempre homens-massa ou homens-coletivos”⁵². Há, nesta operação, a conformação da consciência crítica por meio da identificação de processos filiativos e da construção de processos afiliativos.

Em *Secular Criticism*, Said, para explicar o papel das relações filiativas e afiliativas na modernidade, identifica uma “falha do impulso geracional” — da capacidade de gerar filhos — entre escritores europeus do fim do século XIX e do início do século XX. Essa falha, passa a

⁴⁹ Gramsci dedicou um de seus Cadernos do Cárcere (Caderno 10) para estudar Benedetto Croce e o senso comum. Cf. GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere: caderno 10 (XXXIII): 1932 - 1935: a filosofia de Benedetto Croce*. Rio de Janeiro: IGS-Brasil, 2024.

⁵⁰ SAID, Edward. Introduction: *Secular Criticism*. In: SAID, Edward. *The World, the Text and the Critic*. London: Vintage, 2001, p. 15, tradução própria e grifo próprio. No original: “... precisely because of this awareness — a worldly self-situating, a sensitive response to the dominant culture — that the individual consciousness is not naturally and easily a mere child of the culture, but a historical and social actor in it. And because of that perspective, which introduces circumstance and distinction where there had only been conformity and belongig, there is distance, or what we might also call criticism”.

⁵¹ Embora não esteja no escopo deste trabalho, cabe comentar que o debate sobre a relação entre sujeito e objeto para Said — trabalhado em *Beginnings* — qualifica-se por meio das influências do filósofo francês Maurice Merleau-Ponty. Cf. BRENNAN, Timothy. *Places of Mind: A Life of Edward Said*. London: Bloomsbury Publishing, 2021, p. 124-125.

⁵² Sobre a crítica à própria concepção de mundo em Gramsci, cf. GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere: caderno 11 (XVIII): 1932 - 1933: introdução ao estudo da filosofia*. Rio de Janeiro: IGS-Brasil, 2024, p. 13-15 (Caderno 11, §12, Notas I e II).

ser manifesta em suas obras, e é retratada como uma tendência social e cultural geral — James Joyce, Thomas Mann, Thomas Hardy, Oscar Wilde e Joseph Conrad estão dentre os escritores identificados por Said —, insinuando um entrave às relações naturais de filiação.

Consequentemente, esses sujeitos, desiludidos com a ordem filial, romperam com os seus vínculos “naturais” e buscaram novas formas de pertencimento. Esta tendência gerou uma pressão para produzir novas e diferentes formas de relacionamento social, que encontrou vazão através das “instituições, associações e comunidades, cuja existência social não é garantida pela biologia, mas pela afiliação”⁵³. Novas relações de identificação, pautadas nas referidas instituições, propiciaram a reconstrução das ideias de autoridade e sentido em outras bases, para além da noção de herança e de tradição. Said definiu esse processo de transição entre a relação de filiação para as relações de afiliação como uma “ordem compensatória”, que mais do que uma nova forma de relacionamento, pode ser lida como um novo sistema.

No verbete *affiliation* [afiliação], presente na obra *A Said Dictionary*, do crítico literário Rajagopalan Radhakrishnan, o conceito é descrito como “um modo de pertencimento baseado em escolhas seculares e históricas feitas por um indivíduo: escolhas que podem ou não revalidar ou reconhecer o padrão da filiação”⁵⁴. Radhakrishnan aponta que o conceito ocupa um papel importante no pensamento saidiano, visto que atua, de forma efetiva, na mediação das interrelações entre questões como as políticas de identidade e de representação, as noções de exílio e de pertencimento e na relação entre solidariedade e a crítica.

Radhakrishnan também destaca que Said constrói o conceito por meio da diferenciação com o conceito de filiação, que se refere a uma forma de identificação pautada por uma ideia biológica de herança. Desta identidade, derivam-se concepções essencialistas, pois ela está ligada à ideia de “origem” — algo estático e accidental. A afiliação, por sua vez, trata-se de uma noção secular, vinculada a ideia de “começo”⁵⁵, o que significa que as relações afiliativas são escolhas seculares dotadas de intencionalidade.

A esse respeito, Radhakrishnan depreende que “[as] afiliações são como capítulos em uma **narrativa** contínua de ‘tornar-se’, enquanto [as] filiações promovem, desde o princípio, uma noção de ‘ser completo’, e, portanto, dificultam relações e solidariedades subsequentes”, também observa que “por meio da afiliação, a humanidade escolhe e faz sua própria história ou

⁵³ SAID, Edward. Introduction: Secular Criticism. In: SAID, Edward. *The World, the Text and the Critic*. London: Vintage, 2001. p. 17, tradução própria. No original: “institutions, associations, and communities whose social existence was not in fact guaranteed by biology, but by affiliation”.

⁵⁴ RADHAKRISHNAN, Rajagopalan. *A Said Dictionary*. Chichester: Wiley-Blackwell, 2012, p. 1.

⁵⁵ Embora não sejam foco deste trabalho, as noções de “origem” e “começo” são centrais para a obra de Edward Said. Cf. RADHAKRISHNAN, Rajagopalan. *A Said Dictionary*. Chichester: Wiley-Blackwell, 2012, p. 9-10 (Verbetes *beginnings*).

histórias, ao invés de meramente repetir e reforçar formas de paroquialismo baseadas no nascimento, no sangue e na origem"⁵⁶. Existe, desse modo, um salto qualitativo entre a filiação e a afiliação e é possível dizer que o esquema de identificação afiliativa é uma forma de emancipação da identidade filiativa, inerentemente redutora.

O que está em jogo para Said no empreendimento afiliativo é a possibilidade de um lar humano que será mais do que apenas Judeu ou Palestino, ou Árabe ou Cristão, ou masculino ou feminino, ou Eurocêntrico ou Afrocêntrico. É exatamente isso que Said tinha em mente ao pensar na filiação como uma ideia fracassada e na afiliação como compensatória. Toda a história da humanidade, na medida em que tem sido uma tentativa de um grupo dominante de naturalizar e nativizar o mundo inteiro dentro de seus próprios esquemas filiativos, tem sido uma lamentável história de violência, exploração, alienação e colonização. Assim, é uma ideia fracassada⁵⁷.

Quando Said fala sobre a noção fanoniana de libertação, como mencionado anteriormente, é disso que está tratando. Caso um movimento nacionalista, frente à opressão colonial, deseje meramente substituir um esquema filiativo por outro, estará preso a um esquema fracassado que potencialmente reproduzirá a opressão outrora combatida. É preciso, por isso, inventar novas almas.

No final de sua análise, Radhakrishnan esclarece que a afiliação, de nenhuma forma substitui ou relega o papel da filiação, apenas deixa claro que essa forma de identificação não é suficiente por si própria. Para ele, o esquema filiativo possui uma lacuna inerente, e deve ser entendido a partir dessa carência. Nesse sentido, um começo traçado a partir do entendimento de que a experiência individual (filiativa) é necessariamente incompleta, é o caminho para compreender a história em sua totalidade, uma história afiliativa e secular, compreendida como um conjunto de experiências entrelaçadas e sobrepostas⁵⁸.

Além disso, Said alerta que na nova forma afiliativa se encontra, assim como no modo anterior, “o objetivo deliberadamente explícito de usar essa nova ordem para restaurar vestígios

⁵⁶ RADHAKRISHNAN, Rajagopalan. *A Said Dictionary*. Chichester: Wiley-Blackwell, 2012, p. 2-3, grifo do autor, tradução própria. No original: “... affiliations are like chapters in an ongoing narrative of “becoming” whereas filiations promote a notion of “completed being” from the very beginning and thus come in the way of subsequent relationships and solidarities” e “Through affiliation, mankind chooses and makes its own history or histories rather than merely repeating and reinforcing forms of parochialism based on birth, blood, and origin”.

⁵⁷ RADHAKRISHNAN, Rajagopalan. *A Said Dictionary*. Chichester: Wiley-Blackwell, 2012, p. 3, tradução própria. No original: “What is at stake for Said in the affiliative enterprise is the possibility of a human home that will be more than just a Jewish or a Palestinian or an Arab or a Christian or a male or a female or a Eurocentric or an Afrocentric home. That is exactly what Said has in mind when he thinks of filiation as a failed idea and affiliation as compensatory. The entire history of mankind, in so far as it has been an attempt by a dominant group to naturalize and nativize the entire world within its own filiative schemata, has been a sorry history of violence, exploitation, alienation, and colonization. As such, it is a failed idea”.

⁵⁸ Sobre a noção de história e totalidade em Said, cf. SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011, p. 74-91.

do tipo de autoridade associada no passado à ordem filiativa”⁵⁹, ou seja, uma tendência de conformar uma nova ortodoxia que repete o esquema hierárquico filiativo aparentemente superado, só que se apresenta com uma roupagem socialmente validada:

Em outras palavras, a ordem afiliativa assim apresentada duplica sorrateiramente a estrutura familiar fechada e rigidamente costurada [da ordem filiativa], que assegura relações hierárquicas entre as gerações. A afiliação se torna, com efeito, uma forma literal de representação, pela qual aquilo que é 'nosso' é bom e, portanto, merece ser incorporado e incluído em nossos programas de estudo humanista, enquanto aquilo que não é 'nosso', num sentido provinciano em última instância, é simplesmente deixado de fora⁶⁰.

Foi desta maneira, por exemplo, que deliberadamente se definiram os cânones da literatura ocidental, que, em seu processo de representação, reproduzem a filiação dentro da estrutura afiliativa e “reforça[m] o que é conhecido às custas do que pode ser conhecido”⁶¹. Essa dinâmica conforma uma estrutura de apagamentos, alienada do mundo, que ignora as diferentes realidades (e textos) que formam a totalidade mundana.

Para Said, a crítica de seu tempo se colocava fora do mundo (ou em outro mundo), o que se deu devido à especialização e a profissionalização, que, “aliadas ao dogma cultural, a um etnocentrismo e nacionalismo mal disfarçados, além de um quietismo quase religioso surpreendentemente insistente, transportaram o crítico profissional e acadêmico da literatura [...] para um mundo completamente diferente”⁶².

Nesta realidade paralela, a crítica faz a vez de um instrumento de revalidação dos valores culturais hegemônicos, bem como gera um sistema fechado em si mesmo, fadado a desenvolver uma leitura equivocada da realidade. A crítica, nestes termos, é irrelevante e apologista, conformando o que Said considerou como “o triunfo da ética do profissionalismo”, marcada pelo apreço à neutralidade.

⁵⁹ SAID, Edward. Introduction: Secular Criticism. In: SAID, Edward. *The World, the Text and the Critic*. London: Vintage, 2001. p. 19, tradução própria. No original: “the deliberately explicit goal of using that new order to reinstate vestiges of the kind of authority associated in the past with filiative order”.

⁶⁰ SAID, Edward. Introduction: Secular Criticism. In: SAID, Edward. *The World, the Text and the Critic*. London: Vintage, 2001, p. 21, tradução própria. No original: “In other words, the affiliative order so presented surreptitiously duplicates the closed and tightly knit family structure that secures generational hierarchical relationships to one another. Affiliation then becomes in effect a literal form of representation, by which what is ours is good, and therefore deserves incorporation and inclusion in our programs of humanistic study, and what is not ours in this ultimately provincial sense is simply left out”.

⁶¹ SAID, Edward. Introduction: Secular Criticism. In: SAID, Edward. *The World, the Text and the Critic*. London: Vintage, 2001, p. 23, tradução própria. No original: “reinforces the known at the expense of the knowable”.

⁶² SAID, Edward. Introduction: Secular Criticism. In: SAID, Edward. *The World, the Text and the Critic*. London: Vintage, 2001, p. 25, tradução própria. No original: “...allied with cultural dogma, barely sublimated ethnocentrism and nationalism, as well as a surprisingly insistent quasi-religious quietism, have transported the professional and academic critic of literature — the most focused and intensely trained interpreter of texts produced by the culture — into another world altogether”.

1.4 O Profissionalismo e suas pressões

Ao longo do século XX, o conjunto daqueles que podem ser considerados como intelectuais — ou, nos dizeres de Antonio Gramsci, o conjunto daqueles que ocupam socialmente a função de intelectuais — passou por uma mudança substancial. A dinâmica da representação, no contexto da expansão dos meios de comunicação, mudou completamente a feição do que se entende por “intelectual”. Todos aqueles que possuem vocação para a representação e intervenção na esfera pública podem ser chamados de intelectuais.

Essa amplitude admitida pelo papel desempenhado pelos intelectuais, sob a influência do contínuo processo de especialização, põe em risco a própria figura do intelectual enquanto um sujeito consciente, dotado de uma consciência crítica que não admite a conformidade. O intelectual como aquele que, partido de um lugar marginal, fala a verdade ao poder e corre os riscos necessários, sofre a possibilidade de desaparecer. Said aponta que, por conta do processo de especialização da atividade intelectual, “há o perigo de que a figura ou imagem do intelectual possa desaparecer num amontoado de detalhes, e que ele possa tornar-se apenas mais um profissional ou uma figura numa tendência social”⁶³.

Para Said, o intelectual, enquanto figura representativa, é um indivíduo “que representa um certo ponto de vista, [...] que articula representações a um público, apesar de todo tipo de barreiras”⁶⁴. A dimensão pública de sua atuação, no entanto, é ameaçada pela tendência ao profissionalismo, que mutila continuamente sua consciência crítica.

No terceiro capítulo de *Representações do Intelectual*, intitulado “Profissionais e amadores”, Said traz à tona a leitura do intelectual estadunidense Russell Jacoby a esse respeito. Em seu livro *The Last Intellectuals* [Os últimos intelectuais]⁶⁵, publicado em 1987, Jacoby argumenta que houve, nos Estados Unidos, o desaparecimento completo da figura boêmia do “intelectual não acadêmico” e a sua substituição por “um punhado de professores universitários tímidos, dominados por um jargão peculiar, nos quais ninguém na sociedade prestava muita atenção”⁶⁶.

⁶³ SAID, Edward. *Representações do intelectual*: as Conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 25.

⁶⁴ SAID, Edward. *Representações do intelectual*: as Conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 27.

⁶⁵ Cf. JACOBY, Russel. *The last intellectuals*: American culture in the age of academe. New York: Basic Books, 2000.

⁶⁶ SAID, Edward. *Representações do intelectual*: as Conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 75.

Para Jacoby, essa substituição se deu, dentre outros motivos, pelas transformações sociais impostas pelo pós-guerra. Este intelectual confinado e desinteressado com aquilo que se passa fora dos muros da universidade, além de perder a capacidade de intervenção anterior, se inseriu numa lógica tecnocrática e mercantilizada de produção de conhecimento.

Na visão de Said, apesar de concordar com seu diagnóstico geral, Jacoby comete uma injustiça ao pensar no papel da universidade. Ele também afirma que Jacoby não considerou que “o trabalho intelectual no século XX se envolveu muito não só com o debate público e com a grande polêmica [...], mas também com a crítica e o desencanto, com a denúncia de falsos profetas e a descrença de antigas tradições e nomes consagrados”⁶⁷. Além disso, Said critica a visão perpetrada por Jacoby de que ser um intelectual seria incompatível com o trabalho acadêmico, dando como exemplo as figuras de Eric Hobsbawm e Edward Palmer Thompson — historiadores marxistas conhecidos por sua notável atuação política, bem como pela grande influência de seu trabalho acadêmico.

Outro ponto de crítica é a noção de que a descaracterização da vida boêmia intelectual seria um fenômeno especialmente estadunidense. Para Said, o intelectual, em toda parte, já não é mais um boêmio, ou o que ele, lamentavelmente, define como um “filósofo de mesa de bar”. Ele argumenta que o intelectual hoje se converteu em uma figura diferente, pois suas formas de intervenção mudaram drasticamente, além de que, na atualidade, o intelectual está preocupado com “uma porção de questões, todas elas relacionadas, no fim das contas, com uma combinação de esclarecimento e emancipação ou liberdade”⁶⁸.

Desse modo, Said sustenta que a atual ameaça à figura do intelectual não é imposta pela universidade, mas sim o que denomina “profissionalismo”:

Por profissionalismo eu entendo pensar no trabalho do intelectual como alguma coisa que você faz para ganhar a vida entre nove da manhã e cinco da tarde, com um olho no relógio e outro no que é considerado um comportamento apropriado, profissional — não entornar o caldo, não sair dos paradigmas ou limites aceitos, tornando-se, assim, comercializável e, acima de tudo, apresentável e, portanto, não controverso, apolítico e “objetivo”⁶⁹.

De acordo com Said, a tendência ao profissionalismo gerou quatro pressões com as quais o intelectual contemporâneo deve lidar. São elas: a especialização, o culto da técnica, a

⁶⁷ SAID, Edward. *Representações do intelectual*: as Conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 77.

⁶⁸ SAID, Edward. *Representações do intelectual*: as Conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 78.

⁶⁹ SAID, Edward. *Representações do intelectual*: as Conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 78.

tendência inevitável ao poder e à autoridade, e o conformismo — fruto de sistema de recompensas estabelecido por uma autoridade específica⁷⁰.

A especialização, é um processo geral que limita e particulariza os níveis mais elevados do sistema educacional, aliena os intelectuais da realidade em seu entorno, fecha seus horizontes fazendo com que percam de vista a noção integral de totalidade. Já o culto da técnica, trata-se de uma marca do mundo pós-guerra e pode ser visualizado em conjunto com o processo de especialização, que credencia e autoriza um especialista a se comunicar através de uma linguagem “técnica”, que se arroga objetiva e neutra.

A tendência inevitável ao poder, a terceira pressão, liga-se à mencionada posição autorizada proporcionada ao especialista pelo culto à técnica. Said insiste que o poder constituído possui grande influência na produção de conhecimento, e através do direcionamento de recursos consegue manipular as agendas de pesquisa — o que se dá por meio de *lobbies*, grandes fundações e *think tanks*. Assim, cria-se a possibilidade de reproduzir uma espécie de ciência encomendada, levada a cabo por intelectuais “eleitos” pelo poder para representá-lo. Chega-se, desta forma, à quarta pressão, o conformismo gerado pelo sistema de recompensas empreendido pelo poder hegemônico, que esteriliza o pensamento crítico.

Como alternativa a essas tendências, Said opõe ao profissionalismo a noção de amadorismo, “uma atividade que é alimentada pela dedicação e pela afeição, e não pelo lucro e por uma especialização egoísta e estreita”⁷¹. Um intelectual amador é aquele que se expõe e corre riscos de forma consciente, movido por uma atitude crítica e engajada, e não aquele que se refugia de responsabilidades:

a diferença que delineei entre o intelectual profissional e o amador reside precisamente no fato de que o primeiro alega distanciamento com base na profissão e aparenta ser objetivo, enquanto o segundo não é movido nem por recompensas nem pela realização de um plano de carreira imediato, mas por um compromisso empenhado com idéias e valores na esfera pública⁷².

O conjunto articulado de pressões que constituem o profissionalismo é a expressão de uma lógica de mercado imposta à produção de conhecimento. A reprodução de uma ciência instrumental interessada em suprir demandas específicas com conclusões pré-definidas, tira de vista a importância do trabalho intelectual em si, que deve ser desinteressadamente secular, levar em consideração circunstâncias e alternativas de forma coerente. Neste sentido, quando

⁷⁰ Cf. SAID, Edward. *Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 80-6.

⁷¹ SAID, Edward. *Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 86.

⁷² SAID, Edward. *Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 110-1.

se pensa em temas da história e da sociedade, é preciso enfatizar o lugar central do trabalho humano na construção da realidade concreta, trabalho este que, de acordo com Said, é intelectual e mundano — “situado no mundo e sobre o mundo”⁷³.

Além disso, o caráter provocativo do intelectual é sacrificado pela lógica do profissionalismo, que transforma o intelectual em um anuidor premiado por falar o que se deve falar, por pesquisar o que se exige que seja pesquisado. Em seu ensaio *Sobre a provocação e o assumir de posições*, Said reitera que o intelectual deve ser “oponente do consenso e da ortodoxia”, e seu papel “não é consolidar a autoridade, mas compreendê-la, interpretá-la e questioná-la”. Ele também insiste que “a vocação intelectual é essencialmente aliviar de alguma forma o sofrimento humano”⁷⁴. Faz parte deste trabalho situar no mundo as questões concretas enfrentadas pela humanidade, ou seja, mundanizar a experiência humana, então

nos cabe complicar e/ou desconstruir as fórmulas redutivas e o tipo de pensamento abstrato — mas poderoso — que afasta o pensamento da história e da experiência humana concretas para conduzi-lo aos campos da ficção ideológica, do confronto metafísico e da paixão coletiva⁷⁵.

Para Said, o fio condutor deste esforço intelectual é uma perspectiva humanista secular, conjugada a um sentido de compromisso com a noção de totalidade:

Por humanismo entendo, antes de mais nada, a tentativa de dissolver aquilo que Blake chamou de grilhões forjados pela mente, de modo a ter condições de utilizar histórica e racionalmente o próprio intelecto para chegar a uma compreensão reflexiva e a um desvendamento genuíno.

Isso significa que **cada campo individual está ligado a todos os outros, e que nada do que acontece em nosso mundo se dá isoladamente e isento de influência externas**⁷⁶.

Todo intelectual se dirige a um público. Ele age, portanto, como um intérprete, um tradutor e um influenciador em sua conduta social. Na perspectiva de Said, estas atividades passam por uma mediação íntima, tratando-se, essencialmente, da expressão de uma auto-

⁷³ SAID, Edward. A política do conhecimento. In: SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 179. É possível observar um diálogo com Gramsci, que afirma que “não há atividade humana da qual se possa excluir toda intervenção intelectual, não se pode separar o *homo faber* do *homo sapiens*”. GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*: caderno 12 (XXIX): 1932: apontamentos e notas esparsas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais. Rio de Janeiro: IGS-Brasil, 2024, p. 40. Esta mesma conexão está presente no ensaio *História, literatura e geografia*, em que Said, ao destacar pontos a levar em consideração ao ler os Cadernos do Cárcere, destaca que “Gramsci rompe com a distinção vulgar entre teoria e prática no interesse de uma nova unidade das duas — ou seja, sua noção de trabalho intelectual concreto” SAID, Edward. *História, literatura e geografia*. In: SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 221.

⁷⁴ SAID, Edward. Sobre a provocação e o assumir posições. In: SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 250.

⁷⁵ SAID, Edward. *Orientalismo*: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 19.

⁷⁶ SAID, Edward. *Orientalismo*: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 19, grifo próprio.

representação de si mesmos⁷⁷. Em outras palavras, quando o intelectual representa algo perante algum público ele desempenha seu papel segundo a ideia que possui de si próprio⁷⁸.

O intelectual sempre define sua forma de intervenção levando em consideração seu público, no entanto, para Said, o intelectual não deve de maneira alguma sacrificar o conteúdo pela forma para de alguma maneira agradar seu público. Ao contrário, “o importante é causar embaraço, ser do contra e até mesmo desagradável”⁷⁹. Daí se origina seu sentido dramático e insurgente, a importância da ironia e da ousadia. Fundamentalmente, os intelectuais são, para Said, aqueles que possuem vocação para a representação. É um trabalho solitário, voluntariamente exílico, mas fundamental para clarificar as lutas contra as injustiças gestadas na experiência humana.

⁷⁷ SAID, Edward. *Representações do intelectual*: as Conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 14.

⁷⁸ Destaca-se o diálogo com o conteúdo da Nota I do §12 do Caderno 11 de Antonio Gramsci, no qual afirma que “O início da elaboração crítica é a consciência daquilo que é realmente, ou seja, um ‘conhece-te a ti mesmo’ como produto do processo histórico até hoje desenvolvido que deixou em ti mesmo uma infinidade de traços acolhidos sem benefício de inventário. É preciso fazer, inicialmente, um tal inventário”. GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*: caderno 11 (XVIII): 1932 - 1933: introdução ao estudo da filosofia. Rio de Janeiro: IGS-Brasil, 2024, p. 14.

⁷⁹ SAID, Edward. *Representações do intelectual*: as Conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 27.

2 NOTAS SOBRE ANTONIO GRAMSCI

*Mas não se equivoque comigo.
Nenhum escritor é inocente, eu também não...
Confesso que quero mesmo fazer sua cabeça*
(Darcy Ribeiro)

2.1 Breve biografia

Antonio Francesco Gramsci nasceu no vilarejo de Ales, na Sardenha, no dia 22 de janeiro de 1891. Desde cedo enfrentou sérios problemas de saúde em decorrência de ser portador da Doença de Pott⁸⁰. Além disso, cresceu em um contexto de dificuldades financeiras, agravado pela prisão de seu pai⁸¹. Em razão desses problemas, Gramsci precisou interromper seus estudos muitas vezes, tendo prestado os exames preparatórios para a entrada no curso que equivale ao ensino médio somente em 1908, finalizando-o em 1911.

No mesmo ano, o jovem Gramsci conseguiu uma bolsa de estudos concedida pelo governo italiano e começou a cursar Filologia Moderna na Faculdade de Letras da Universidade de Turim. A cidade, “a ponta de lança do desenvolvimento fordista na Itália, [...] em que os conflitos de classe atingiram níveis mais fortes e conscientes”⁸², representou para o intelectual sardo “a vanguarda material e espiritual das forças sociais progressivas em âmbito nacional, graças a sua classe operária”⁸³, com a qual seu contato foi irresistível.

Então, em 1913, Gramsci ingressou no Partido Socialista Italiano (PSI) e iniciou sua atividade jornalística no jornal *Il Grido del Popolo* [O Grito do Povo]. Com a entrada da Itália na Primeira Guerra Mundial, em 1915, Gramsci se envolveu profundamente com o trabalho jornalístico e abandonou a Universidade sem a conclusão do curso. Após o fim da guerra, fundou o periódico semanal *L'Ordine Nuovo* [A Nova Ordem].

Em 1922, Gramsci participou da fundação do Partido Comunista da Itália (PCd'I), dissidente do PSI e alinhado à Terceira Internacional Comunista. No mesmo ano, o Partido Nacional Fascista, liderado por Benito Mussolini, realizou a Marcha sobre Roma, cuja culminação trágica foi a chegada de Mussolini ao poder. Como consequência da ascensão

⁸⁰ COUTINHO, Carlos Nelson. Introdução. In: GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere, volume 1*. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019, v. 1, p. 7.; MEDEIROS, Elita de. *Antonio Gramsci: um estudo biográfico sobre a vida do pensador*. Revista de Estudios Teóricos y Epistemológicos en Política Educativa, e24697, v. 10, p. 1-19, 2025.

⁸¹ Ver a nota 13, cf. FRESU, Gianni. *Antonio Gramsci, o homem filósofo: uma biografia intelectual*. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 24.

⁸² FRESU, Gianni. *Antonio Gramsci, o homem filósofo: uma biografia intelectual*. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 26.

⁸³ FRESU, Gianni. *Antonio Gramsci, o homem filósofo: uma biografia intelectual*. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 59.

fascista, em 1923 milhares de comunistas e dirigentes comunistas foram presos na Itália — contra Gramsci, que estava na Rússia, foi emitido um mandado de prisão.

No ano de 1924 foi eleito deputado e retornou à Itália para assumir seu mandato. No final do mesmo ano, assumiu a secretaria geral do PCd'I. Dois anos depois, em 1926, enquanto escrevia o ensaio *Alguns temas da questão meridional* (que permaneceu inconcluso), foi preso pelo regime fascista. Gramsci só foi julgado dois anos depois, em 1928, sendo condenado a 20 anos de prisão.

Foi autorizado, em janeiro de 1929, a escrever no cárcere, e começou a organizar um plano de estudos que seguiu até o ano de 1935. Após uma grave crise no ano de 1931, o estado de saúde do revolucionário sardo foi se agravando cada vez mais, o que culminou na sua transferência para uma clínica na cidade de Formia, ainda na condição de prisioneiro, e em sua posterior liberdade condicional a partir de 1934. No ano seguinte, após uma nova crise, ainda mais grave, foi obrigado a interromper de forma definitiva a redação de seus *Cadernos do Cárcere*. Em 1937, no dia 25 de abril, Antonio Gramsci sofreu uma hemorragia cerebral e veio a falecer no dia 27.

2.2 Algumas observações sobre os Cadernos do Cárcere⁸⁴

Antes de sua prisão, Antonio Gramsci era conhecido tanto por sua atividade como dirigente político à frente do Partido Comunista da Itália, como por sua destacada atuação como jornalista, primeiro no jornal *Il Grido del Popolo*, depois no *L'Ordine Nuovo*. Pouco antes de ser preso, foi oferecida a ele a proposta de publicar seus escritos em uma coletânea. Ele recusou

⁸⁴ Os *Cadernos do cárcere* foram divididos pela edição crítica de 1975 elaborada pelo professor e filósofo Valentino Gerratana em duas categorias: os Cadernos Miscelâneos, de anotações avulsas, e os Cadernos Especiais, que se concentravam em temas específicos. Além disso, o texto dos *Cadernos* foram divididos em três tipos: os Textos A, aqueles redigidos em seus Cadernos Miscelâneos e depois reescritos em Textos C; os Texto B, de redação única, escritos tanto nos Cadernos Especiais quanto nos Miscelâneos, mas principalmente nos Miscelâneos; Já os Textos C, são a reescrita e reorganização dos Textos A nos Cadernos Especiais. No Brasil, os textos gramscianos permaneceram desconhecidos até a metade dos anos 1960, quando foi organizada por Ênio Silveira a primeira edição brasileira da obra de Gramsci, publicada em 1967 e 1968 pela editora Civilização Brasileira. Com a publicação da edição crítica de Valentino Gerratana em 1975, o interesse pela obra de Gramsci cresceu, e a demanda por uma nova edição levou à publicação da edição temática brasileira organizada por Carlos Nelson Coutinho em 1999, que não traduziu a integralidade dos textos da edição crítica de Gerratana, deixando de fora os Textos A. Esta edição privilegiou os Cadernos Especiais e os Textos B (colocados após o conteúdo dos Cadernos Especiais), organizando os escritos em 6 volumes. Em 2024, a seção brasileira da *International Gramsci Society* organizou, sob a coordenação do professor Giovanni Semeraro, um grupo de trabalho, formado por 22 professores voluntários, que traduziu a edição crítica de Valentino Gerratana em sua integralidade. Para conferir esta tradução, cf. <https://igsbrasil.org/galeria>. Além disso, cf. COUTINHO, Carlos Nelson. Introdução. In: GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere, volume 1*. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019, v. 1, p. 9-31.

“alegando que, tendo sido escritos ‘para o dia a dia’, tais artigos eram destinados a morrer ‘tão logo se encerrasse o dia’”⁸⁵. Enquanto estava preso, no entanto, em correspondência com sua cunhada Tania Schucht em março de 1927, o intelectual sardo comunicou o desejo de organizar um plano de estudos para a realização de um trabalho “*für ewig*” [para sempre].

A partir deste momento, Gramsci começou a organizar um plano de estudos centrado nos seus grandes temas de interesse⁸⁶, levando em consideração as possibilidades de sua situação carcerária. Segundo Carlos Nelson Coutinho, ele concebeu tal trabalho “como um meio privilegiado para enfrentar e superar o desgaste material e moral a ser gerado pela vida carcerária, que ele já previa de longa duração”⁸⁷. Pode-se dizer que as motivações de Gramsci eram tanto de ordem intelectual quanto psicológica⁸⁸.

Em seu “laboratório” — para usar o termo proposto pelo professor Alvaro Bianchi —, Antonio Gramsci escreveu, em 33 cadernos escolares, estudos substanciais a respeito de diferentes temas⁸⁹, muitos deles previamente abordados em seu trabalho jornalístico e durante os tempos de estudante universitário em Turim. Porém, conforme alerta Bianchi, é preciso sempre recordar que os escritos do cárcere não foram publicados e nem mesmo finalizados pelo intelectual sardo.

Desse modo, o conteúdo dos *Cadernos* se configura como uma elaboração marcada por um “caráter provisório e incompleto não apenas da exposição de sua investigação, mas também da própria investigação”⁹⁰, em outras palavras, trata-se de uma “exposição provisória de uma investigação inacabada”⁹¹. Com efeito, como destaca Baratta, o próprio Gramsci insiste

⁸⁵ COUTINHO, Carlos Nelson. Introdução. In: GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere, volume 1*. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019, v. 1, p. 7. Tais escritos são, no entanto, de grande valia para os estudiosos que defendem a noção de continuidade na elaboração intelectual gramsciana, segundo a qual os grandes temas mobilizados pelo intelectual sardo em seus *Cadernos do Cárcere* já haviam sido comentados em sua obra jornalística.

⁸⁶ Para a lista dos 16 temas de estudo pretendidos inicialmente por Gramsci, cf. COUTINHO, Carlos Nelson. Introdução. In: GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere, volume 1*. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019, v. 1, p. 78-9.

⁸⁷ COUTINHO, Carlos Nelson. Introdução. In: GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere, volume 1*. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019, v. 1, p. 8.

⁸⁸ BIANCHI, Alvaro. *Laboratório de Gramsci: Filosofia, História e Política*. 2. ed. Porto Alegre: Zouk, 2018, p. 24; FRESU, Gianni. *Antonio Gramsci, o homem filósofo: uma biografia intelectual*. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 238.

⁸⁹ Além de seus Cadernos Especiais e Miscelâneos, Gramsci escreveu quatro Cadernos de Tradução. Dentre as obras traduzidas estão os “Contos dos Irmãos Grimm” e as “Conversações com Goethe”, de Johann Peter Eckermann. Cf. FRESU, Gianni. *Antonio Gramsci, o homem filósofo: uma biografia intelectual*. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 237-242; e COUTINHO, Carlos Nelson. Introdução. In: GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere, volume 1*. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019, v. 1, p. 9-10.

⁹⁰ BIANCHI, Alvaro. *Laboratório de Gramsci: Filosofia, História e Política*. 2. ed. Porto Alegre: Zouk, 2018, p. 33.

⁹¹ BIANCHI, Alvaro. *Laboratório de Gramsci: Filosofia, História e Política*. 2. ed. Porto Alegre: Zouk, 2018, p. 47.

repetidas vezes na possibilidade de erros e na necessidade de verificar suas conclusões em um momento posterior, em que tivesse as condições objetivas para fazê-lo⁹².

O trabalho de Gramsci se desenvolve sobre constante autocritica e reelaboração, além de uma impressionante lucidez, que configura a linha-mestra de sua escrita, notável por sua perspectiva unitária, na qual história, filosofia e política caminham sempre juntas⁹³. Nesse sentido, ao refletir sobre a atualidade e validade do pensamento de Gramsci, Fresu afirma que

O caráter nada dogmático da obra de Gramsci permitiu-lhe escapar das classificações rígidas, ir além da crise e do colapso de seu próprio campo político-ideológico, atravessar o limite temporal e político do século XX. Os *Cadernos do cárcere* são uma ferramenta essencial para a leitura dos eventos atuais, constituindo até nossos dias uma bússola útil para a orientação nas contradições da modernidade, e não por acaso estudos científicos de diferentes disciplinas lhe conferem hoje, mais do que ontem, um lugar de destaque absoluto em nível internacional entre os grandes pensadores da história da humanidade⁹⁴.

Assim, cabe ao leitor de Gramsci superar o caráter fragmentário de sua obra, pois, como sugere Baratta, é possível “reviver seu *fluxo* ou seu *continuum*” por meio da apreensão do ritmo de seu pensamento, seu *leitmotiv*⁹⁵. Essa operação se refere à da “filologia vivente”, proposta pelo próprio Gramsci⁹⁶ como ferramenta para estudar um autor de uma obra inconclusa — ao escrever ele se refere a Karl Marx —, que significa “traduzir concretamente o seu legado, levando em conta as interpelações provenientes do nosso contexto histórico e da atuação teórica

⁹² BARATTA, Giorgio. *As rosas e os Cadernos: o pensamento dialógico de Antonio Gramsci*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004, p. 95 (Nota 49). Cabe citar, também, a famosa *Avvertenza* [Advertência] que abre o Q11 (os Cadernos serão doravante referidos pela letra “Q”, referindo-se ao nome *Quaderni* em italiano, acrescida sua numeração segundo a Edição Crítica de Valentino Gerratana. O Caderno 1, será “Q1”, o Caderno 12, “Q12” e assim por diante.) como exemplo dessa preocupação: “As notas contidas neste caderno, como nos outros, foram escritas ao correr da pena, para registrar um rápido pró-memória. Todas elas devem ser revistas e verificadas minuciosamente, porque contêm certamente inexatidões, falsas aproximações, anacronismos. Escritas sem ter os livros que se mencionam, é possível que depois da verificação, tenham que ser radicalmente corrigidas porque precisamente o contrário do que está escrito resulte ser verdadeiro”. GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere: caderno 11 (XVIII): 1932 - 1933: introdução ao estudo da filosofia*. Rio de Janeiro: IGS-Brasil, 2024, p. 3.

⁹³ Neste sentido, a *Nota II* do §12, do Q11 é esclarecedora: “Não se pode separar a filosofia da história da filosofia e a cultura da história da cultura. No sentido mais imediato e concreto, não é possível ser filósofos, ou seja, ter uma concepção do mundo criticamente coerente, sem a consciência da sua historicidade, da fase de desenvolvimento representada por ela e do fato de que ela está em contradição com outras concepções ou com elementos de outras concepções” GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere: caderno 11 (XVIII): 1932 - 1933: introdução ao estudo da filosofia*. Rio de Janeiro: IGS-Brasil, 2024, p. 14-5.

⁹⁴ FRESU, Gianni. *Antonio Gramsci, o homem filósofo: uma biografia intelectual*. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 238.

⁹⁵ BARATTA, Giorgio. *As rosas e os Cadernos: o pensamento dialógico de Antonio Gramsci*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004, p. 101.

⁹⁶ Cf. GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere: caderno 16 (XXII): 1933 - 1934: temas de cultura 1º*. Rio de Janeiro: IGS-Brasil, 2024, p. 7-10.

e política”⁹⁷ do organismo coletivo, tornando possível a “co-participação ativa e consciente” e a “co-passionalidade”⁹⁸ no trabalho intelectual.

Sob esse mesmo aspecto, o professor Giovanni Semeraro instrui que: “sendo inseparavelmente intelectual e político militante, Gramsci solicita não só um trato cuidadoso com seus textos, mas nos desafia a ‘ler e continuar a escrever’ uma obra deixada incompleta, a ser atualizada com o nosso labor teórico e a nossa atuação política”⁹⁹. A obra de Gramsci, portanto, abriu caminhos possíveis para o pensamento crítico que estão sendo, e ainda serão, traçados. Segundo Gianni Fresu, Edward Said é o continuador do “grande salto no pensamento crítico ocidental realizado por Gramsci”, tanto por seu ensaio sobre a questão meridional, quanto por sua obra carcerária, que revela o fato de que “a luta política e cultural não se fundamentaria na relação entre tradição e modernidade, mas na dialética entre a parte subalterna e a parte hegemônica do mundo”¹⁰⁰.

A partir disso, constrói-se a noção, compartilhada por Said e Gramsci, de que “a cultura desempenha um papel determinante na definição [e reprodução] das estruturas de domínio”¹⁰¹. Se os intelectuais são aqueles que possuem a vocação para a representação, assim como aqueles que agem como formadores de uma nova cultura, entender seu papel é essencial para fazer a crítica dessas estruturas. Para compreender a acepção gramsciana a respeito do papel dos intelectuais, é preciso que sejam apresentadas duas categorias mobilizadas pelo intelectual sardo, as do intelectual orgânico e do intelectual tradicional, e a forma com a qual ele as mobiliza.

2.3 O intelectual para Antonio Gramsci

O interesse de Gramsci pelo papel dos intelectuais já estava presente em seu ensaio *Alguns apontamentos sobre a questão meridional* (que será mais a frente discutido), no qual percebeu o papel de intelectuais como o idealista Benedetto Croce na contenção do “espírito

⁹⁷ SEMERARO, Giovanni. Prefácio: Etapas das traduções dos Cadernos do cárcere no Brasil. In: GRAMSCI, Antonio. Cadernos do cárcere: caderno 11 (XVIII): 1932 - 1933: introdução ao estudo da filosofia. Rio de Janeiro: IGS-Brasil, 2024, p. XIX.

⁹⁸ GRAMSCI, Antonio. Cadernos do cárcere: caderno 11 (XVIII): 1932 - 1933: introdução ao estudo da filosofia. Rio de Janeiro: IGS-Brasil, 2024, p. 68.

⁹⁹ SEMERARO, Giovanni. Prefácio: Etapas das traduções dos Cadernos do cárcere no Brasil. In: GRAMSCI, Antonio. Cadernos do cárcere: caderno 11 (XVIII): 1932 - 1933: introdução ao estudo da filosofia. Rio de Janeiro: IGS-Brasil, 2024, p. XX

¹⁰⁰ FRESU, Gianni. *Antonio Gramsci, o homem filósofo*: uma biografia intelectual. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 243-4.

¹⁰¹ FRESU, Gianni. *Antonio Gramsci, o homem filósofo*: uma biografia intelectual. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 244.

popular” e na pacificação das contradições do sistema capitalista por meio da captura do senso comum. Nesse sentido, “os intelectuais são os ‘prepostos’ do grupo dominante para o exercício das funções subalternas da hegemonia social e do governo político”¹⁰². Eles agem tanto para garantir o consenso “espontâneo” — incutido no e reproduzido pelo senso comum — entre as grandes massas a respeito da direção da vida social por parte do grupo dominante, quanto para assegurar a legalidade do aparelho de coerção estatal, utilizado para disciplinar aqueles que não aceitam esse consenso — para Gramsci, o alvo do aparelho de coerção pode se generalizar quando há uma crise do consenso espontâneo, isto é, quando há uma crise de hegemonia¹⁰³.

Mas, na visão de Gramsci, não seria correto definir o papel do intelectual de maneira estreita, Benedetto Croce representa um tipo específico de intelectual em sua função específica. Em seu Q12, no qual aborda a questão dos intelectuais de maneira central, Gramsci insiste na necessidade de investigar o desenvolvimento histórico dos grupos intelectuais para que se entenda seu papel social. Norteado por essa perspectiva, Gramsci inicia sua elaboração com um questionamento: os intelectuais podem ser vistos como um grupo independente ou estão necessariamente vinculados a algum grupo social?

Ele então propõe que todo grupo social emergente desenvolve, de forma orgânica, um ou mais grupos intelectuais que lhe dão homogeneidade e autoconsciência no que diz respeito a sua função social, econômica e política. Para ilustrar sua afirmativa, Gramsci esclarece dando um exemplo típico da sociedade de seu tempo: “o empresário capitalista cria consigo o técnico da indústria, o cientista da economia política, o organizador de uma nova cultura, de uma nova lei etc, etc”¹⁰⁴. Da mesma forma, a classe trabalhadora (seja o proletariado ou o campesinato) desenvolve seus intelectuais orgânicos que — valendo-se do repertório saidiano — estão organicamente filiados a suas classes. Há, no entanto, a possibilidade de que estes intelectuais sejam assimilados pela classe dominante e ajam como representantes de sua ideologia no interior de sua classe originária, reproduzindo no senso comum a ideologia dominante.

Existem também os “intelectuais tradicionais” que são, em geral, remanescentes de uma formação social anterior. Como esclarece Giovanni Semeraro, esta categoria de intelectuais,

¹⁰² GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*: caderno 12 (XXIX): 1932: apontamentos e notas esparsas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais. Rio de Janeiro: IGS-Brasil, 2024, p. 9.

¹⁰³ Este assunto é mais desenvolvido por Gramsci no §23 de seu Caderno 13 (*Notas sobre a política de Maquiavel*). Cf. GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*: caderno 13 (XXX): 1932-1934: notas sobre a política de Maquiavel. Rio de Janeiro: IGS-Brasil, 2024, p. 50-61. É útil também conferir o verbete *hegemonia*, escrito pelo professor italiano Giuseppe Cospito no *Dicionário Gramsciano* organizado por Guido Liguori e Pasquale Viza. COSPITO, Giuseppe. hegemonia. In: LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale (org.). *Dicionário gramsciano*: (1926-1937). 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2017, p. 504-8.

¹⁰⁴ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*: caderno 12 (XXIX): 1932: apontamentos e notas esparsas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais. Rio de Janeiro: IGS-Brasil, 2024, p. 3.

devido a sua coesão histórica, assume noções de autonomia e independência, enxergando-se como apartados das categorias orgânicas emergentes da nova conjuntura social. É possível pensar, como exemplo, na categoria dos eclesiásticos¹⁰⁵, que “por um longo tempo concentraram o monopólio do saber e da ideologia por meio de um conjunto capilar de atividades e [...] se mantiveram organicamente vinculados à ‘aristocracia fundiária’, com a qual dividiram o poder e os privilégios”¹⁰⁶.

A categoria tradicional, no entanto, não faz somente referência aos estratos intelectuais “estagnados”, pois, segundo Gramsci, na modernidade surgiram novos estratos que podem ser admitidos à categoria dos intelectuais tradicionais. Ele identifica, particularmente, a conformação de grupos ligados à burocracia do Estado Moderno (laico), tais quais a “aristocracia da toga”, “um estrato de administradores”, “cientistas, teóricos, filósofos não eclesiásticos”¹⁰⁷. Além disso, Gramsci afirma que a filosofia idealista e seus reprodutores (representada por Benedetto Croce e Giovanni Gentile) também podem ser vinculados devido à sua posição “apartada”:

Uma vez que estas várias categorias de intelectuais tradicionais sentem com “espírito de grupo” sua ininterrupta continuidade histórica e sua “qualificação”, eles se posicionam como autônomos e independentes do grupo social dominante; esta autoposição não é isenta de consequências no campo ideológico e político, consequências de grande alcance (toda a filosofia idealista pode ser facilmente conectada com esta posição assumida pelo complexo social dos intelectuais e pode ser definida como a expressão desta utopia social pela qual os intelectuais se consideram “independentes”, autônomos, dotados de suas próprias características etc [...])¹⁰⁸.

Outra importante questão colocada pelo Q12 é uma crítica ao método de categorização comum à maioria das elaborações sobre a função dos intelectuais. De acordo com o intelectual sardo, o critério utilizado para a tipificação do intelectual não deveria ser o caráter exclusivo das “atividades intelectuais”, mas sim a posição dos intelectuais dentro do “complexo geral das relações sociais”¹⁰⁹. A base deste critério, conforme indica Semeraro, se encontra na *VI Tese sobre Feuerbach*, onde Marx e Engels afirmaram que: “a essência humana não é uma abstração

¹⁰⁵ No Q12 Gramsci esclarece que foi justamente do meio eclesiástico que surgiu a noção geral de “intelectual”, derivada do termo “clérigo” (especialista), que se opunha ao termo “leigo” (não especialista). Cf. GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*: caderno 12 (XXIX): 1932: apontamentos e notas esparsas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais. Rio de Janeiro: IGS-Brasil, 2024, p. 5.

¹⁰⁶ SEMERARO, Giovanni. *Intelectuais, educação e escola*: um estudo do Caderno 12 de Antonio Gramsci. São Paulo: Expressão Popular: 2021, p. 47.

¹⁰⁷ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*: caderno 12 (XXIX): 1932: apontamentos e notas esparsas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais. Rio de Janeiro: IGS-Brasil, 2024, p. 5.

¹⁰⁸ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*: caderno 12 (XXIX): 1932: apontamentos e notas esparsas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais. Rio de Janeiro: IGS-Brasil, 2024, p. 5.

¹⁰⁹ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*: caderno 12 (XXIX): 1932: apontamentos e notas esparsas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais. Rio de Janeiro: IGS-Brasil, 2024, p. 6.

intrínseca ao indivíduo isolado. Em sua realidade, ela é o conjunto das relações sociais”¹¹⁰. Norteador por esta consideração, Gramsci (assim como Marx), não dissocia o pensamento da materialidade. Ele compreende que a elaboração conceitual e teórica associada à atividade intelectual “não acontece no vazio da mente, mas em determinados processos histórico-econômico-políticos concretos”¹¹¹. Diz Semeraro:

Gramsci desconstrói, assim, a imagem do intelectual difusa no senso comum visto como um ser superior, neutro e apolítico e passa a compreendê-lo pelas *atividades que desempenha no contexto histórico*, pela sua *vinculação de classe*, pelas *escolhas que assume a favor da manutenção do sistema ou da sua superação*.¹¹²

Assim, Gramsci entende a atividade intelectual como parte integrante das “funções concretas exercidas no mundo da produção”¹¹³ e da “função organizativa da hegemonia social e do domínio estatal”¹¹⁴, em conjunto com as mais variadas atividades materiais, formando uma “unidade incindível” que integra o trabalho manual e intelectual no conjunto das relações sociais de produção. É nesta chave que ele considera que “em qualquer trabalho físico, mesmo o mais mecânico e degradado, existe um mínimo de qualificação técnica, ou seja, um mínimo de atividade intelectual criativa”¹¹⁵.

Chega-se, então, à ampla consideração gramsciana: “Todos os homens são intelectuais, se poderia dizer [...] mas, nem todos os homens têm na sociedade a função de intelectuais”¹¹⁶. Com outras palavras Gianni Fresu esclarece:

para Gramsci pode-se falar de intelectuais, mas não se pode falar de não intelectuais, ou seja, pode-se dizer que não existem não intelectuais, porque, em primeiro lugar, não há atividade humana que exclua qualquer intervenção intelectual e, porque, em segundo lugar, todo ser humano fora de sua atividade intelectual, é um filósofo que participa de uma concepção específica do mundo, que contribui com seu trabalho para sustentá-la ou modificá-la.¹¹⁷

¹¹⁰ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 538.

¹¹¹ SEMERARO, Giovanni. *Intelectuais, educação e escola*: um estudo do Caderno 12 de Antonio Gramsci. São Paulo: Expressão Popular: 2021, p. 48.

¹¹² SEMERARO, Giovanni. *Intelectuais, educação e escola*: um estudo do Caderno 12 de Antonio Gramsci. São Paulo: Expressão popular: 2021, p. 48, grifos próprios.

¹¹³ SEMERARO, Giovanni. *Intelectuais, educação e escola*: um estudo do Caderno 12 de Antonio Gramsci. São Paulo: Expressão Popular: 2021, p. 48.

¹¹⁴ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*: caderno 12 (XXIX): 1932: apontamentos e notas esparsas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais. Rio de Janeiro: IGS-Brasil, 2024, p. 9.

¹¹⁵ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*: caderno 12 (XXIX): 1932: apontamentos e notas esparsas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais. Rio de Janeiro: IGS-Brasil, 2024, p. 6.

¹¹⁶ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*: caderno 12 (XXIX): 1932: apontamentos e notas esparsas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais. Rio de Janeiro: IGS-Brasil, 2024, p. 6.

¹¹⁷ FRESU, Gianni. *Antonio Gramsci, o homem filósofo*: uma biografia intelectual. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 338. Cabe indicar que esta noção é oriunda do Q11, onde, em seu §12, Gramsci sustenta que “todos os homens são filósofos” pois carregam na própria linguagem uma visão de mundo, ou seja, uma filosofia. Esta visão de mundo, chamada por ele de “filosofia espontânea” também está presente no senso comum e nas crenças populares. Cf. GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*: caderno 11 (XVIII): 1932 - 1933: introdução ao estudo da filosofia. Rio de Janeiro: IGS-Brasil, 2024, p. 13.

3.4 O problema pedagógico da especialização

Além disso, ao observar a dinâmica da modernidade capitalista Gramsci volta sua atenção para o processo de especialização da atividade intelectual. Ele identifica a relação estreita entre a expansão dos Estados modernos e a democratização da assim chamada alta cultura e da técnica superior, que passou a ser promovida pelo Estado para compor os quadros de sua burocracia¹¹⁸.

Esta expansão nada mais foi que a base material para a multiplicação do processo de especialização “em todos os campos da ciência, da arte, da técnica, da produção e da organização do Estado”¹¹⁹, o que gerou a tendência da criação de escolas técnicas para formar os dirigentes e os especialistas comprometidos com sua manutenção e administração. Assim, “foi-se criando todo um sistema de escolas particulares de vários graus, para inteiros ramos profissionais ou para profissões já especializadas e indicadas com precisa individualização”¹²⁰, voltado à formação de “intelectuais funcionários”.

Essa escola técnica, que pode ser chamada de “profissional”, reproduziu-se em torno e como oposição a uma escola já existente, a escola humanista, que “visava desenvolver em cada indivíduo humano a cultura geral ainda indiferenciada, a potência fundamental de pensar e de saber dirigir-se na vida”¹²¹. Esta “cultura geral”, no entanto, como afirmado por Gramsci, estava firmada “no prestígio geral e tradicionalmente indiscutível de uma determinada forma de civilização” — a civilização ocidental — e, por este motivo “uma vez posta em discussão, pode ser considerada condenada”¹²².

Para Gramsci, ambas as formas escolares (profissional e humanista) possuem suas virtudes e devem operar conjuntamente, exercendo uma função diversa daquela de seu tempo:

Hoje a tendência é abolir todo tipo de escola “desinteressada” (não imediatamente interessada) e “formativa” ou deixar apenas uma amostra reduzida para uma pequena elite de senhores e mulheres que não precisam pensar em preparar-se para um futuro

¹¹⁸ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*: caderno 12 (XXIX): 1932: apontamentos e notas esparsas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais. Rio de Janeiro: IGS-Brasil, 2024, p. 20. Além disso, cf. FRESU, Gianni. *Antonio Gramsci, o homem filósofo*: uma biografia intelectual. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 334.

¹¹⁹ SEMERARO, Giovanni. *Intelectuais, educação e escola*: um estudo do Caderno 12 de Antonio Gramsci. São Paulo: Expressão Popular: 2021, p. 49.

¹²⁰ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*: caderno 12 (XXIX): 1932: apontamentos e notas esparsas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais. Rio de Janeiro: IGS-Brasil, 2024, p. 20.

¹²¹ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*: caderno 12 (XXIX): 1932: apontamentos e notas esparsas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais. Rio de Janeiro: IGS-Brasil, 2024, p. 20.

¹²² GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*: caderno 12 (XXIX): 1932: apontamentos e notas esparsas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais. Rio de Janeiro: IGS-Brasil, 2024, p. 21.

profissional e difundir cada vez mais escolas profissionais especializadas nas quais o destino do estudante e sua atividade futura são predeterminados.¹²³

A solução de Gramsci é pedagógica:

A crise terá uma solução que racionalmente deveria seguir esta linha: escola única inicial de cultura geral, humanista, formativa, que harmonize com justa dose o desenvolvimento da capacidade de trabalhar manualmente (tecnicamente, industrialmente) e o desenvolvimento das capacidades do trabalho intelectual. Deste tipo de escola única, através de repetidas experiências de orientação profissional, passa-se para uma das escolas especializadas ou ao trabalho produtivo.¹²⁴

A raiz do modelo pedagógico de uma “escola unitária” inicial, de formação humanista e manual, e de uma etapa profissional e técnica posterior, encontra-se na noção de que o estudo não tem em si mesmo uma finalidade, mas “adquire sentido e força quando orientado a fermentar uma atividade prática e política”¹²⁵. Além disso, Gramsci prevê como papel da escola unitária a inserção dos “valores fundamentais do humanismo”, da “autodisciplina intelectual” e da “autonomia moral necessárias para uma posterior especialização seja de natureza científica (estudos universitários) ou de natureza imediatamente prático-produtiva (indústria, burocracia, organização do comércio etc.)”¹²⁶. Apesar deste aspecto pedagógico do pensamento de Gramsci (esmiuçado no §2 do Q12¹²⁷) não ser o foco desta monografia, é preciso passar, mesmo que brevemente, por ele, pois se trata da forma com a qual *ele projeta uma conjuntura possível*, na qual o indivíduo adquire consciência de si e de seu contexto e desenvolve seu senso crítico no momento inicial de sua formação.

Além disso, o pensamento gramsciano se trata de uma alternativa ao modelo escolar burguês que tem por objetivo criar intelectuais orgânicos às classes dominantes, e assim perpetuar a situação desigual na qual uma educação de qualidade e abrangente é negada aos estratos sociais subalternos. A estes, privados de uma formação humanista, sobram as escolas técnicas que reproduzem o *status quo* e alienam os indivíduos da conjuntura. Sobre este aspecto do pensamento de Gramsci, Fresu afirma:

na sociedade burguesa, a escola desempenha um papel cada vez mais importante na consolidação das relações entre dirigentes e dirigidos, fornecendo mão de obra para a produção material e formando intelectualmente os futuros representantes da classe dominante. O ensino público e gratuito, livre das condições sociais de exploração da

¹²³ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*: caderno 12 (XXIX): 1932: apontamentos e notas esparsas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais. Rio de Janeiro: IGS-Brasil, 2024, p. 21.

¹²⁴ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*: caderno 12 (XXIX): 1932: apontamentos e notas esparsas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais. Rio de Janeiro: IGS-Brasil, 2024, p. 21.

¹²⁵ SEMERARO, Giovanni. *Intelectuais, educação e escola*: um estudo do Caderno 12 de Antonio Gramsci. São Paulo: Expressão Popular: 2021, p. 25.

¹²⁶ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*: caderno 12 (XXIX): 1932: apontamentos e notas esparsas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais. Rio de Janeiro: IGS-Brasil, 2024, p. 26.

¹²⁷ Cf. GRAMSCI, Antonio. Observações sobre a escola: para a investigação do princípio educativo. In: GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*: caderno 12 (XXIX): 1932: apontamentos e notas esparsas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais. Rio de Janeiro: IGS-Brasil, 2024, p. 30-40.

sociedade burguesa, permitiria a participação de jovens e em todo o sistema produtivo, possibilitando a alternância de um setor para outro em razão das exigências ou de suas próprias inclinações.

A possibilidade de escolher o direcionamento da própria existência, desativando a predestinação dos antigos relacionamentos de classe, representaria a premissa do desenvolvimento unilateral do homem, na qual se consubstancia *a passagem do domínio da necessidade para o da liberdade*.¹²⁸

Esta possível liberdade encontra entraves no progressivo processo de especialização que sofre o trabalho dos intelectuais, cuja formação “cada vez mais especializada e menos universalista”¹²⁹ conforma os problemas abordados na seção 1.2 desta monografia. Deste modo, o que se configura de maneira aparente como a democratização do ensino técnico, na realidade mascara a manutenção das desigualdades sociais.

Além disso, a educação meramente técnica promovida pelo modelo burguês constitui identidade com aquilo que o pedagogo brasileiro Paulo Freire¹³⁰, denominou “educação bancária”, caracterizada por uma visão da educação como “uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber”¹³¹, na qual o educador se coloca com uma antinomia do educando, “depositando” conhecimento nos alunos.

Outra característica desta forma bancária de educação é a prática do verbalismo, que se trata do esvaziamento “da dimensão concreta” das palavras, que passam a “se transformar em palavra oca, em verbosidade alienada e alienante”¹³². Esta prática também pode ser definida como “o culto exagerado das palavras, que leva à corrosão do sentido real e vivo das ‘coisas reais’, a ocultá-las, e transformá-las em termos, palavras e modos de dizer abstratos e convencionais”¹³³ — equivalente ao “jargão” no sentido empregado por Edward Said.

É em oposição a este modelo que Freire afirma:

se pretendemos a libertação dos homens, não podemos começar por aliená-los ou mantê-los alienados. A libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma *coisa* que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É

¹²⁸ FRESU, Gianni. *Antonio Gramsci, o homem filósofo: uma biografia intelectual*. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 344, grifo próprio.

¹²⁹ FRESU, Gianni. *Antonio Gramsci, o homem filósofo: uma biografia intelectual*. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 344.

¹³⁰ O educador marxista Paulo Reglus Neves Freire (1921-1997), nascido em 19 de setembro de 1921 na cidade de Recife, foi um dos maiores nomes da pedagogia do século XX. Tornou-se conhecido nacionalmente pela experiência de alfabetização no município de Angicos, no Rio Grande do Norte, onde, em 1963, alfabetizou cerca de 300 adultos em 40 horas. Cf. DOCUMENTÁRIO “40 Horas na Memória”. Vídeo. 33min49s. Publicado pelo canal TV Ufersa. 20 jan. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PkN97kOriJc>. Acesso em 08 ago. 2025.

¹³¹ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 88. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024, p. 81.

¹³² FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 88. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024, p. 80.

¹³³ FRESU, Gianni. *Antonio Gramsci, o homem filósofo: uma biografia intelectual*. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 40.

práxis, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo.¹³⁴

Retornando a Gramsci, o intelectual sardo finaliza seu Q12 com uma reflexão que vai na contramão das tendências alienantes promovidas pelo modelo de educação burguês. Ele sustenta que é preciso convencer as pessoas de que “o estudo é também um trabalho, e muito cansativo, com seu próprio tirocínio especial, além de intelectual, também muscular-nervoso: é um processo de adaptação, é um hábito adquirido através do esforço, do tédio e até do sofrimento”¹³⁵. E, assim, refletindo sobre a necessidade da elaboração de grupos intelectuais orgânicos às classes subalternas, ele argumenta:

O problema de criar um novo estrato intelectual consiste [...] em elaborar criticamente a atividade intelectual que em cada um existe com certo grau de desenvolvimento, modificando a sua relação com o esforço muscular-nervoso em direção a um novo equilíbrio e obtendo que o próprio esforço muscular-nervoso, enquanto elemento de uma atividade prática geral, que inova perpetuamente o mundo físico e social, torne-se o fundamento de uma nova e integral concepção do mundo.¹³⁶

Nesta base ele postula que o intelectual deve ser “‘dirigente’ (especialista + político)”, caracterizado por “‘imiscuir-se ativamente com a vida prática, como construtor, organizador, ‘persuasor permanentemente’”¹³⁷. Isto se dá por meio da práxis, de um trabalho cotidiano orientado pelo estudo, crítica, autocrítica e mobilização social constantes. Para Gramsci, disputar a concepção de mundo hegemônica, o senso comum que se constrói no dia a dia, é a tarefa inadiável dos intelectuais comprometidos com a transformação da realidade.

¹³⁴ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 88. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024, p. 93, grifo do autor.

¹³⁵ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*: caderno 12 (XXIX): 1932: apontamentos e notas esparsas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais. Rio de Janeiro: IGS-Brasil, 2024, p. 39.

¹³⁶ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*: caderno 12 (XXIX): 1932: apontamentos e notas esparsas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais. Rio de Janeiro: IGS-Brasil, 2024, p. 40-1.

¹³⁷ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*: caderno 12 (XXIX): 1932: apontamentos e notas esparsas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais. Rio de Janeiro: IGS-Brasil, 2024, p. 41.

3 SAID LEITOR DE GRAMSCI

*Vivo, tomo partido.
Por isso odeio quem não o faz,
odeio os indiferentes
(Antonio Gramsci)*

Antonio Gramsci figura, ao lado de Theodor Adorno, Frantz Fanon e György Lukács, entre alguns dos principais influenciadores do pensamento de Edward Said. O filósofo revolucionário sardo está inscrito, junto a pensadores como Karl Marx e Eric Auerbach, em uma tradição humanista viciiana, na qual Said também está inserido¹³⁸ — o “humanismo crítico”. O intelectual identificado com essa tradição orienta seu trabalho por meio de “um tipo particular de simpatia pelos textos dos diferentes períodos que estava lendo e interpretando”, permitindo que seja possível “trazer o mundo de volta ao texto”¹³⁹. Em outras palavras, o intelectual deve, por meio de um rigoroso trabalho filológico, mundanizar o texto.

Segundo Giorgio Baratta, filósofo italiano e membro-fundador da *International Gramsci Society*¹⁴⁰, as referências diretas a Gramsci não são muito numerosas no interior da obra saidiana, porém “ele ‘usa’ Gramsci em passagens particularmente delicadas ou complexas das suas análises”¹⁴¹. Baratta destaca que as reflexões de Said estão ancoradas em “uma grande, sofisticada erudição [que] se coaduna nele com uma emocionalidade intacta, quase inocente”, e também aponta que seu trabalho possui um “compromisso profundo e desinteressado, com

¹³⁸ É importante salientar que Erich Auerbach não fazia parte da tradição do materialismo histórico-dialético, porém, assim como Marx, reproduzia em sua obra influências viciianas. Cf. EL ZOGHBI, Ahmed Hussein. *O pensador e o mundo: A dimensão filosófica da crítica literária de Edward Said*. Orientador: Prof. Dr. Antonio José Pereira Filho. 2024. 134 p. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2024, p. 59.

¹³⁹ EL ZOGHBI, Ahmed Hussein. *O pensador e o mundo: A dimensão filosófica da crítica literária de Edward Said*. Orientador: Prof. Dr. Antonio José Pereira Filho. 2024. 134 p. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2024, p. 41. Esta operação se conecta à necessidade metodológica que Karl Marx chamou de “viagem de modo inverso”. Se primeiro é preciso abstrair de um objeto concreto para melhor compreendê-lo, é preciso, inversamente, retornar da abstração à concretude do objeto (trazê-lo de volta ao mundo) para formular qualquer análise historicamente coerente que chegue a uma “totalidade de determinações e relações diversas”. Cf. MARX, Karl. Introdução [à Crítica da Economia Política]. In: MARX, Karl. *Para a crítica da economia política; Salário, preço e lucro; O rendimento e suas fontes: a economia vulgar*. São Paulo: Abril Cultural, 1982, p. 14. Essa operação também aparece nas *Teses sobre Feuerbach*, cf. MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)*. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 537-9.

¹⁴⁰ A *International Gramsci Society* (IGS) é uma organização sem fins lucrativos fundada no ano de 1989, na Itália, com o objetivo de criar uma rede de comunicação e troca de informações globalmente integrada entre estudiosos da obra e da vida de Antonio Gramsci. Hoje, a IGS está presente em países como a própria Itália, México, França e também no Brasil, onde sua representação foi institucionalizada no ano de 2015. Atualmente a IGS Brasil é presidida pelo professor e filósofo Giovanni Semeraro (presidente da Coordenação Nacional 2024-2026). Cf. <https://igsbrasil.org>.

¹⁴¹ BARATTA, Giorgio. *As rosas e os Cadernos: o pensamento dialógico de Antonio Gramsci*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004, p. 207.

conexões mas sem sobreposições, tanto com o estudo dos fenômenos culturais como dos fatos políticos”¹⁴². Aliado a isso está uma consciência crítica e lúcida, que reconhece nas lutas concretas uma “exasperação dramática e irrevogável”¹⁴³.

O reconhecimento saidiano da urgência e concretude das lutas humanas (de classe, gênero, nacionalidade, raça) se contrapõe à dormência fomentada pelo pós-modernismo, representada pelas obras de Jean-François Lyotard e Michael Foucault após a “guinada ideológica” das décadas de 1970 e 1980 — não por coincidência, as décadas da ascensão do thatcherismo e reaganismo. Said compreende que ambos, conhecidos anteriormente pela radicalidade de seu pensamento, “demonstram uma nova e impressionante descrença naquilo que Lyotard chama de ‘grandes narrativas legitimadoras da emancipação e do esclarecimento’”¹⁴⁴ — dentre elas o marxismo, entendida como uma “grande narrativa” na visão dos pós-modernos.

É possível intuir que esse pensamento derrotista pós-moderno antecedeu as efetivas derrotas dos anos 90, a década do desmantelamento da União Soviética, das teses do “Fim da História” de Francis Fukuyama¹⁴⁵ e do “Choque de Civilizações” de Samuel Huntington¹⁴⁶, do Consenso de Washington e o consequente avanço da ideologia neoliberal. Paralelamente, porém, é também a década da publicação de *Cultura e Imperialismo* (1993), considerado por Baratta como a “obra maior” do autor palestino.

Nela, Said analisa a dinâmica que se desenvolveu entre o romance realista europeu e o imperialismo por meio das obras de escritores como Jane Austen, Joseph Conrad, Rudyard Kipling, William Butler Yeats e Albert Camus. Ele percebe a existência de um padrão que atravessa a obra desses e de outros escritores, sejam poetas, romancistas ou acadêmicos, no que se refere à representação do Outro, do estrangeiro, do não-ocidental. Esse padrão foi nomeado

¹⁴² BARATTA, Giorgio. *As rosas e os Cadernos: o pensamento dialógico de Antonio Gramsci*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004, p. 206-7.

¹⁴³ BARATTA, Giorgio. *As rosas e os Cadernos: o pensamento dialógico de Antonio Gramsci*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004, p. 206.

¹⁴⁴ Segundo Said, Lyotard considerava que a realidade contemporânea estava “interessada apenas em questões locais, não na história, mas nos problemas a ser resolvidos, não numa realidade grandiosa e sim em jogos” — seria esta a condição pós-moderna. Já Foucault, movido pelo mesmo desânimo, realizou que “o poder estava por toda a parte, que provavelmente seria melhor se concentrar na microfísica local do poder que cerca o indivíduo”. Esse pensamento incutiu (ou foi incutido por) um derrotismo motivado pelo desgaste de anos de luta infrutífera pela libertação anticolonial, chegando-se a “um ponto de exaustão e desapontamento”. SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011, p. 67.

¹⁴⁵ Cf. FUKUYAMA, Francis. The end of history? *The National Interest*, nº 16, 1989.

¹⁴⁶ Cf. HUNTINGTON, Samuel P. The clash of civilizations? *Foreign Affairs*, vol. 72, nº 3, 1993. Além disso, cf. SAID, Edward. O choque de definições. In: SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 316-336.

por Said como “estrutura de atitudes e referências”, que opera em um padrão autorreferencial e independente.¹⁴⁷

Além disso, é em *Cultura e Imperialismo* que Said desenvolve, por meio de um conteúdo fanoniano, sua perspectiva humanista de libertação, mencionada no capítulo anterior e comentada também por Baratta:

o mundo, para Said, está inundado de uma luz, embora continuamente obscurecida, que acompanha *objetivamente*, malgrado tudo e todos, o curso das coisas: é que indica a “vontade de reconciliação”, que é uma vontade-capacidade não moralista, mas politicamente motivada [...] de reconciliação com o inimigo de ontem. Não se trata de uma utopia idealista, mas da necessidade apontada pelo curso das coisas, ou seja, por aquele grandioso contraditório processo de “unificação do gênero humano” do qual Gramsci falava, que hoje está, de forma espantosa e perversa, diante dos olhos de todos.¹⁴⁸

Ainda segundo Baratta, a leitura que Said faz de Gramsci é muito particular e difere da leitura “mais analítica que emerge em relação a Lukács ou Althusser, Benjamin ou Adorno, Foucault ou Derrida etc”¹⁴⁹. Ele aponta que isso se deve ao fato de que Said conheceu a obra gramsciana a partir de antologias, o que teria limitado um estudo mais aprofundado dos seus escritos — o que só seria possível por meio do acesso a edições críticas¹⁵⁰. Desse modo, foi necessária “prudência filológica” no trato de Said para com os escritos de Gramsci.

Como já mencionado, Baratta considera que *Cultura e Imperialismo* é a obra mais importante do autor palestino. Ele afirma que neste livro o repertório gramsciano é empregado de forma estratégica, sobretudo na elaboração da interpretação saidiana da categoria de “imperialismo”. Em sua perspectiva, Said reconhece, além do caráter econômico, político e militar, a dimensão geográfica e cultural do imperialismo, lendo o mundo como “um *conjunto* unificado marcado pelo domínio e a hegemonia”¹⁵¹. Baratta afirma ainda que o ponto central da obra pode ser identificado na crítica ao conceito de “identidade” — cujo antecedente teórico é a *Dialética Negativa* de Adorno. Esta crítica nasce da compreensão saidiana de totalidade, que reconhece o conjunto heterogêneo, dialético e extraordinariamente complexo da realidade.

A ênfase apaixonada e rigorosa das *influências* recíprocas, sistematicamente ocultadas pelos analistas, entre culturas ocidentais e *outras* culturas, pressupõe e favorece uma atitude voltada a demolir o dogmatismo da “pureza” e do ciúme da identidade,

¹⁴⁷ SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011, p. 189.

¹⁴⁸ BARATTA, Giorgio. *As rosas e os Cadernos: o pensamento dialógico de Antonio Gramsci*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004, p. 206, grifo do autor.

¹⁴⁹ BARATTA, Giorgio. *As rosas e os Cadernos: o pensamento dialógico de Antonio Gramsci*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004, p. 207.

¹⁵⁰ BIANCHI, Alvaro. *Laboratório de Gramsci: Filosofia, História e Política*. 2. ed. Porto Alegre: Zouk, 2018.

¹⁵¹ BARATTA, Giorgio. *As rosas e os Cadernos: o pensamento dialógico de Antonio Gramsci*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004, p. 208, grifo do autor.

desvelando insuspeitos tesouros de conhecimento e compreensão dos mais diversos fenômenos intelectuais e artísticos.¹⁵²

“Demolir o dogmatismo da pureza e do ciúme da identidade” também significa, dessa forma, cumprir as tarefas que Said atribui ao intelectual de “não aceitar a política da identidade tal como é dada, mas mostrar como *todas as representações são construídas*, qual é sua natalidade, quem são seus inventores, quais são seus componentes”¹⁵³, e de “combinar os novos deslocamentos e configurações econômicas e sociopolíticas de nossa época e a assombrosa realidade da interdependência humana em escala mundial”¹⁵⁴.

Ao comentar a leitura feita por Said¹⁵⁵ do texto *Alguns temas da questão meridional*, de Antonio Gramsci — considerado por ele como “o ponto mais alto da sua atividade jornalística desenvolvida até então”¹⁵⁶ e uma espécie de preparação para a escrita dos *Cadernos do Cárcere* —, Giorgio Baratta observa que o autor palestino identifica em Gramsci a valorização de aspectos geográficos, espaciais e territoriais da vida social.

A análise desenvolvida no tópico final do primeiro capítulo de *Cultura e Imperialismo* — intitulado “territórios sobrepostos, histórias entrelaçadas” — começa a partir do reconhecimento de uma tradição europeia de estudos de literatura comparada, anterior à Segunda Guerra Mundial, marcada por um estilo que prestigiava a erudição, e não a crítica, como seu elemento fundamental. “Hoje”, diz Said, “ninguém é tão erudito quanto o foram Erich Auerbach e Leo Spitzer [...]: este é um fato ao mesmo tempo quantitativo e qualitativo”¹⁵⁷. Essa mesma tradição era herdeira da tradição da erudição humanista, ainda maior e mais antiga, associada a figuras como Giambattista Vico, Johann Gottfried Herder e Jean-Jacques Rousseau, que viveram durante o século XVIII.

Por trás das obras *deles* estava a crença de que **a humanidade constituía uma totalidade maravilhosa, quase sinfônica, cujo progresso e formações, também enquanto um todo, podiam ser estudadas exclusivamente como uma experiência histórica laica e congruente, e não como uma exemplificação do divino**. Como era o “homem” que fazia a história, havia um modo hermenêutico específico de adivinhá-la, que diferia das ciências naturais tanto no método quanto nos objetivos.¹⁵⁸

¹⁵² BARATTA, Giorgio. *As rosas e os Cadernos: o pensamento dialógico de Antonio Gramsci*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004, p. 208, grifo do autor.

¹⁵³ SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011, p. 478, grifo próprio.

¹⁵⁴ SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011, p. 502.

¹⁵⁵ Cf. SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011, p. 98-102.

¹⁵⁶ SAID, E. W. Gramsci e l'unità di filosofia, politica, economia. In: BARATTA, G.; CATONE, A. (orgs.) *Tempi moderni*. Gramsci e la critica dell'americanismo. Roma: Edizioni Associate, 1989, p. 49, citado por BARATTA, Giorgio. *As rosas e os Cadernos: o pensamento dialógico de Antonio Gramsci*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004, p. 209.

¹⁵⁷ SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011, p. 91.

¹⁵⁸ SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011, p. 92, grifo do autor em itálico, grifo próprio em negrito.

No entanto, Said esclarece que o avanço desta concepção, no período entre 1745 e 1945, acompanhou também o avanço dos nacionalismos na Europa. Ele argumenta que os intelectuais que compartilhavam dessa perspectiva, apesar de alegarem universalidade, na realidade estavam celebrando suas culturas nativas, permeando a tradição com um nacionalismo “estreito” e “estridente”, tornando-a cada vez mais fechada.

Com o passar do tempo — principalmente a partir do final do século XIX e início do século XX —, essa tradição se defrontou com uma resistência interna que propunha uma visão de cultura muito mais coerente e aberta. Seus representantes consideravam que era possível “fornecer uma perspectiva transnacional, e até transhumana, das realizações literárias”. Visão esta que acabou por considerar os estudos literários como um lugar à parte, como um “Éden antropológico em que homens e mulheres criavam felizes algo que se chamava literatura”¹⁵⁹.

De acordo com Said, a perspectiva desses intelectuais estava relacionada à ideia goethiana de *Weltliterature*¹⁶⁰, que colocava a Europa como ponto de referência cultural e literariamente. Sobre isto, ele infere que, apesar de reconhecer as mútuas interações entre as diversas obras literárias produzidas pelas diversas culturas existentes, “o campo [da literatura comparada] era epistemologicamente organizado como uma espécie de hierarquia, estando no alto e no centro a Europa e suas literaturas latinas cristãs”¹⁶¹. Said exemplifica, como expressão deste pensamento, a apreensão demonstrada por Erich Auerbach em seu famoso ensaio *Philologie der Weltliteratur* [Filologia de literatura mundial¹⁶²], escrito em 1945, ao reconhecer o surgimento de “outras” literaturas, surgidas “do nada”, sem que se mencionasse os fatos concretos do colonialismo e da descolonização.

Citando as impressões de George Edward Woodberry, primeiro professor catedrático do Departamento de Literatura Comparada da Universidade de Columbia — o primeiro departamento do tipo criado nos Estados Unidos — e um dos representantes dessa visão, Said sugere que de seu pensamento ecoa um idealismo crociano (de raiz hegeliana). Para Woodberry, a constante redução de distâncias proporcionada pela modernidade tenderia a um processo de “unidade da humanidade baseada nas unidades espirituais da ciência, da arte e do amor”, no

¹⁵⁹ SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011, p. 93.

¹⁶⁰ Termo alemão que pode ser traduzido como “literatura universal” ou “literatura mundial”, foi popularizado como conceito pelo polímata alemão Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) através da obra “Conversações com Goethe”, de Johann Peter Eckermann, publicada em 1827. Cf. HEISE, Eloá. *Weltliteratur*, um conceito transcultural. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, São Paulo, v. 9, n. 11, p. 35-57, 2007.

¹⁶¹ SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011, p. 94.

¹⁶² Cf. AUERBACH, Erich. *Filologia de literatura mundial*. In: *Ensaio de Literatura Ocidental*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2012.

qual “não existem fronteiras nem raça nem força, havendo apenas a razão suprema”¹⁶³. Porém, o catedrático não explica como tal unidade resolveria as questões concretas das disputas materiais pelo poder, e ignora o fato da hegemonia imperialista ocidental — que impõe *sua* razão como suprema.

Retomando Auerbach, mas desta vez através de seu livro *Mimesis*¹⁶⁴ — uma das mais importantes obras da literatura comparada —, Said observa que o filólogo alemão expõe que os estudos comparativos, a partir de sua ideia de literatura ocidental, privilegiavam uma determinada concepção de história e ocultavam “a realidade geográfica e política fundamental que confere poder a tal concepção”¹⁶⁵. Apesar deste importante avanço trazido pelo método de Auerbach¹⁶⁶, Said sustenta que, assim como outras grandes obras de erudição da literatura comparada, *Mimesis* reproduz uma noção idealista da história literária europeia.

Ele identifica uma carga hegeliana nesse pensamento, cujo desenvolvimento “opera por incorporação e síntese”¹⁶⁷. Assim, com o passar do tempo incluem-se ao repertório da literatura ocidental partes cada vez maiores da realidade, desde temas como a guerra, questões econômicas e políticas ou questões de classe. Estes temas, então, passam a estar “contidos em estruturas, visões, estabilidades sempre renovadas, todas comprovando a permanente ordem dialética representada pela própria Europa”¹⁶⁸. O problema é que, deste desenvolvimento, conforma-se uma hierarquia de temas, bem como um exclusivismo eurocentrista, que Said também identifica nos escritos correlatos dos teóricos da geografia colonial — dando como exemplo o geógrafo britânico Halford Mackinder (1861-1947) e o historiador francês Lucien Febvre (1878-1956), onde se encontra

uma avaliação muito mais franca do sistema mundial, igualmente metropolocêntrica e imperial; mas agora, em vez de ser apenas a história, são também o império e o espaço geográfico efetivo que colaboram para produzir um “império mundial” comandado pela Europa¹⁶⁹.

¹⁶³ WOODBERRY, George E. “Editorial” (1903). In: SCHULZ, Hans Joachim; REIN, Philip K. *Comparative literature: The early years, an anthology of essays*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1973, p. 211, citado por SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011, p. 95.

¹⁶⁴ Cf. AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2021.

¹⁶⁵ SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011, p. 96.

¹⁶⁶ Sobre o procedimento metodológico empregado por Erich Auerbach durante a escrita de *Mimesis*, Ahmed El Zoghbi esclarece: “Auerbach começa por analisar no texto os elementos estilísticos, sua gramática, sintaxe e dicção. Após esgotar esta camada, o crítico considera questões mais amplas de cultura e sociedade em seu contexto histórico, seguindo aquilo que preconizava Vico, já que uma obra de arte está inscrita em um estilo que é típico de sua época, onde se pode observar princípios e questões mais universais em relação à literatura e cultura”. EL ZOGHBI, Ahmed Hussein. *O pensador e o mundo: A dimensão filosófica da crítica literária de Edward Said*. Orientador: Prof. Dr. Antonio José Pereira Filho. 2024. 134 p. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2024, p. 41.

¹⁶⁷ SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011, p. 96.

¹⁶⁸ SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011, p. 97.

¹⁶⁹ SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011, p. 97.

A ideia de superioridade europeia estava baseada nas características físico-geográficas do continente Europeu (fertilidade dos solos, clima etc), e o mesmo idealismo fomentado pelos teóricos da literatura comparada estava presente nas teses geográficas deste período. Estas teorias — tidas como “técnicas” e, portanto, “objetivas” — eram munidas pelas teorias eugênicas do darwinismo social,¹⁷⁰ que estavam incutidas no imaginário europeu, e influenciavam outros campos da produção humanística, inclusive a literatura comparada. Said insiste que este fato histórico deve ser reconhecido e então articulado de modo que se possa compreender os processos do presente. Ele diz:

Precisamos ver que o contexto global contemporâneo — territórios sobrepostos, histórias entrelaçadas — já estava prefigurado e inscrito nas coincidências e convergências entre a geografia, a cultura e a história que eram tão importantes para os pioneiros da literatura comparada. A seguir, poderemos apreender de forma nova e mais dinâmica tanto o historicismo idealista que alimentou o projeto comparatista de “literatura mundial” e o mapa do mundo concretamente imperial na mesma época.¹⁷¹

Há, desse modo, tanto na produção literária quanto na formulação geográfica no Ocidente, uma “elaboração do poder” que parte da ideia de que a Europa era um lugar que fornecia aos intelectuais um “distanciamento soberano” e a autoridade para representar, categorizar e mesmo controlar o mundo não europeu. Noção esta que já fora trabalhada por Said na introdução de *Orientalismo*, onde mostrou como a identidade cultural europeia, caracterizada pela pressuposição de superioridade perante o *outro* não europeu, tornou-se hegemônica.¹⁷²

Said, assim, propõe como alternativa o modelo geográfico proposto pela reflexão de Antonio Gramsci sobre a questão meridional na Itália, no ensaio *Alguns temas da questão meridional*¹⁷³. O intelectual palestino destaca a importância dada por Gramsci “aos fundamentos territoriais, espaciais e geográficos da vida social”, em cujo pensamento “a história social e a realidade são captadas em termos geográficos”¹⁷⁴.

¹⁷⁰ Sobre o panorama geral da teoria geopolítica europeia do final do século XIX e início do século XX e a influência do darwinismo social, cf. GUZZINI, Stefano. Witch geopolitics? In: GUZZINI, Stefano. *The return of Geopolitics in Europe?: social mechanisms and foreign policy identity crisis*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012, p. 18-35.

¹⁷¹ SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011, p. 98.

¹⁷² SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 27-34.

¹⁷³ Escrito no ano de 1927 e nunca concluído, o título original do ensaio era “Questão Meridional”, depois substituído por “Alguns temas da questão meridional”, com o qual foi publicado no ano de 1930, quando Gramsci já estava preso, através do periódico *Lo Stato Operario* — revista teórica do Partido Comunista Italiano editada no exílio em Paris. Cf. GRAMSCI, Antonio. A questão meridional. In: GRAMSCI, Antonio. *Vozes da terra: escritos de 1916 a 1926*. São Paulo: Boitempo, 2023, p. 133-170. Também cf. FRESU, Gianni. *Antonio Gramsci, o homem filósofo: uma biografia intelectual*. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 211-235.

¹⁷⁴ SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011, p. 99.

3.1 A Questão Meridional e o *contraponto*

Em seu texto, Gramsci aborda a necessidade de pensar em um programa político revolucionário para a região sul da Itália (meridional), levando em consideração suas especificidades e sua relação de subalternidade para com o norte do país (setentrional), mais industrializado e “desenvolvido”. Gramsci argumenta que era necessário enfrentar a ideologia, de raiz burguesa, incutida no senso comum das massas operárias do Norte, de que “o Sul é a bola de chumbo que impede progressos mais rápidos para o desenvolvimento da civil da Itália”¹⁷⁵.

Ele esclarece que esta crença reproduzia uma falsa noção de inferioridade biológica por parte dos italianos do sul em relação aos italianos do norte, mascarando um processo materialmente constituído. Os sulistas eram caracterizados como “bárbaros”, “incapazes” e “criminosos”, e seus problemas não eram identificados como produtos do modo de produção capitalista e sua organização do trabalho, mas como resultado de sua natureza — o que estimulava o antagonismo entre os proletários do norte e os camponeses do sul.

Como forma de discutir e refutar tais crenças essencialistas, Gramsci fornece uma explicação material (secular) para a questão meridional. Ele o faz por meio de uma profunda análise histórica, econômica e social da região, desvelando os reais motivos da situação “desfavorável” do sul da Itália — que nada tinha a ver com fatores biológicos ou metafísicos, mas sim com uma relação de necessária subalternidade fomentada pelo bloco da burguesia agrária do Sul, para que fosse sustentada a situação favorável do Norte.

Fazendo uma reflexão que antecede seu Caderno 12, Gramsci explica, ao final do ensaio, como os próprios intelectuais meridionais — representantes da burguesia agrária do sul — foram importantes para a manutenção do *status quo* a respeito do problema. Sobre sua função, diz Gramsci:

Ele[s] põe[m] em funcionamento um monstruoso bloco agrário que, em conjunto, atua como intermediário e controlador a serviço do capitalismo setentrional e dos grandes bancos. Sua única finalidade é conservar o *status quo*. Em seu seio, não existe nenhuma luz intelectual, nenhum programa, nenhum impulso no sentido de aprimoramento e progresso. Se alguma ideia e algum programa foram afirmados, estes tiveram sua origem fora do Sul¹⁷⁶

¹⁷⁵ GRAMSCI, Antonio. A questão meridional. In: GRAMSCI, Antonio. *Vozes da terra: escritos de 1916 a 1926*. São Paulo: Boitempo, 2023, p. 138.

¹⁷⁶ GRAMSCI, Antonio. A questão meridional. In: GRAMSCI, Antonio. *Vozes da terra: escritos de 1916 a 1926*. São Paulo: Boitempo, 2023, p. 161.

Dentre estes intelectuais preocupados em conter as possíveis “fissuras” no bloco agrário do sul estão Giustino Fortunato (1848-1932) e Benedetto Croce (1866-1952). Segundo Gramsci, ambos “conseguiram que a formulação dos problemas meridionais não superasse certos limites, ou seja, não se tornasse revolucionária”¹⁷⁷. O papel de Benedetto Croce e de sua filosofia é aqui enfocado por Gramsci. Ele argumenta que o filósofo idealista foi responsável por alienar os intelectuais meridionais radicais do contato com as massas camponesas do sul, levando-os “a participar da cultura nacional e europeia e, por essa cultura, fez com que fossem absorvidos pela burguesia nacional e, portanto, pelo bloco agrário”¹⁷⁸.

Gramsci denuncia o papel intelectual prestado por Croce — ele próprio um intelectual meridional — e seus herdeiros, que ao invés de representarem o povo oprimido do sul da Itália, agiam como representantes da burguesia rural. A contraposição gramsciana se baseou na potente perspectiva do intelectual liberal italiano Piero Gobetti¹⁷⁹, que acreditava que era preciso, por parte dos intelectuais em seu papel de formadores da cultura, “ligar o proletariado do norte ao campesinato do sul”¹⁸⁰. Sua alternativa crítica partia do pressuposto de que não era possível entender a totalidade italiana sem reconhecer a interdependência entre as regiões setentrional e meridional, contrastando radicalmente com a postura estanque de Benedetto Croce e Giustino Fortunato.

Ao introduzir o proletariado do norte na questão meridional, Gobetti principiou uma “fratura de caráter orgânico” com relação ao pensamento de Croce e Fortunato, influenciando os intelectuais meridionais como massa. Comentando esse processo de ruptura, Said relembra da alerta feita por Gramsci a respeito do caráter do trabalho intelectual, que “opera por calendários mais longos que o de qualquer outro grupo social”¹⁸¹. Isso quer dizer que as rupturas intelectuais, não podem ser imediatas, mas historicamente orientadas, processuais.

Sobre a importância de Gobetti, afirma Said:

sua significação para a análise gramsciana da questão meridional [...] é que ele acentua a necessidade de que se desenvolva uma formação social, que ela se processe e se construa sobre a ruptura instituída pela obra dele e por sua insistência em que o próprio

¹⁷⁷ GRAMSCI, Antonio. A questão meridional. In: GRAMSCI, Antonio. *Vozes da terra: escritos de 1916 a 1926*. São Paulo: Boitempo, 2023, p. 165.

¹⁷⁸ GRAMSCI, Antonio. A questão meridional. In: GRAMSCI, Antonio. *Vozes da terra: escritos de 1916 a 1926*. São Paulo: Boitempo, 2023, p. 166.

¹⁷⁹ Piero Gobetti (1901-1926) foi um intelectual liberal e jornalista no *L'Ordine Nuovo*, onde trabalhava como crítico de teatro. Morreu precocemente aos 24 anos em decorrência das sequelas adquiridas após ser atacado e linchado pelos camisas negras de Benito Mussolini um ano antes. Sobre a relação com Piero Gobetti, Gramsci diz: “No trabalho comum do jornal, Gobetti foi posto por nós em contato com um mundo vivo, que antes havia conhecido apenas por meio das fórmulas livresca”. GRAMSCI, Antonio. A questão meridional. In: GRAMSCI, Antonio. *Vozes da terra: escritos de 1916 a 1926*. São Paulo: Boitempo, 2023, p. 167.

¹⁸⁰ SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011, p. 100.

¹⁸¹ SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011, p. 100.

esforço intelectual forneça a ligação entre regiões díspares e aparentemente autônomas da história humana¹⁸².

Said, assim, sintetiza do ensaio gramsciano um *fator Gobetti* “como exemplo e sinal da necessidade de introduzir ‘rupturas de caráter orgânico’ [...] nas relações entre intelectuais, como indivíduos e como ‘massas’, e os grupos sociais subalternos”¹⁸³. Ou seja, por meio do exemplo de Gobetti, Gramsci insiste na necessidade de que os intelectuais italianos rompam com sua tradição alienada e liguem-se ao povo, pois o que ele chama de “bloco intelectual” (intelectuais como massa), por mais que seja flexível, constitui uma armadura “extraordinariamente resistente”, capaz tanto de encobrir os processos materiais de dominação, quanto de agir a serviço da luta pelo fim do sofrimento humano.

O mesmo pode ser pensado com relação à literatura comparada e à geografia imperial discutidas no início deste capítulo:

O que podemos chamar de fator Gobetti funciona como um *elo ativador* que expressa e representa a relação entre o desenvolvimento da literatura comparada e o surgimento da geografia imperial, e o faz de maneira dinâmica e orgânica. Dizer apenas que os dois discursos são imperialistas não esclarece onde e como ocorrem. E sobretudo deixa de lado o que nos possibilita articulá-los como um conjunto, mantendo uma relação mais do que casual, conjuntural e mecânica. Para isso devemos observar a dominação do mundo não europeu a partir da perspectiva de uma alternativa resistente e cada vez mais desafiadora¹⁸⁴.

Valendo-se desse repertório gramsciano, Said enriquece sua concepção histórica e secular da experiência humana, contrária a modelos que encerram o mundo em essências imutáveis e desconexas. Nesta mesma chave, compreende-se como sendo um dos papéis do intelectual a reconexão entre regiões e questões, tidas como autônomas, com a totalidade movente (fator Gobetti). Trata-se daquilo que Ahmed El-Zoghbi chamou de “trazer o mundo de volta ao texto”. Essa alternativa permite que seja situado no mundo o “arquivo cultural ocidental”, que Said propõe que seja lido de maneira diferente, em *contraponto*.

A leitura em contraponto se trata de um conceito, baseado em uma técnica de composição harmônica da música ocidental¹⁸⁵, empregado por Said como método analítico. Sua

¹⁸² SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011, p. 100.

¹⁸³ BARATTA, Giorgio. *As rosas e os Cadernos: o pensamento dialógico de Antonio Gramsci*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004, p. 209.

¹⁸⁴ SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011, p. 100-1, grifo meu.

¹⁸⁵ “Na música, o contraponto é a técnica usada na composição onde duas ou mais vozes são elaboradas para serem executadas simultaneamente ou em sequência, de modo que cada uma representa um perfil melódico. A sobreposição desses elementos compõe um todo harmônico que lhe confere identidade sonora. Técnica fundamental na música ocidental, esse procedimento começa a ser incorporado na Europa no período da Renascença, mas se consolida como técnica de composição no período barroco, tendo sido Johann Sebastian Bach seu mais profícuo compositor. No contraponto as melodias construídas a partir de suas respectivas harmonias guardam relação tanto de dependência quanto de interdependência”. EL ZOGHBI, Ahmed Hussein. *O pensador e o mundo: A dimensão filosófica da crítica literária de Edward Said*. Orientador: Prof. Dr. Antonio José Pereira Filho. 2024. 134 p. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2024, p. 69.

proposta permite que seja possível enxergar e interpretar a interrelação entre experiências divergentes, tidas como irreconciliáveis. Ao aplicar a leitura contrapontística de um texto ou de um acontecimento em seu exercício crítico, o intelectual reconhece a complexidade da interrelação das múltiplas perspectivas que formam uma totalidade histórica.

Conforme El Zoghbi,

a leitura contrapontística desafia a interpretação unidimensional dos textos, encorajando estudiosos e leitores a reconhecerem a complexidade da produção cultural e a se envolverem com as perspectivas daqueles que foram historicamente marginalizados ou silenciados. A aplicação do contraponto incentiva uma abordagem mais inclusiva e crítica para a compreensão da literatura, da história e da cultura¹⁸⁶.

É possível identificar, em *Cultura e Imperialismo*, a aplicação do método contrapontístico nas análises da vinculação entre o Imperialismo e a forma do romance — especificamente em *Heart of Darkness*, do escritor polonês Joseph Conrad (1857-1924), *Mansfield Park*, da escritora britânica Jane Austen (1775-1817), e na obra do escritor franco-argelino Albert Camus (1913-1960)¹⁸⁷. Com o emprego de seu método à literatura, Said *situa no mundo* e desvela “os discursos que legitimam e validam as práticas de dominação dos impérios e que resultam no processo colonial”¹⁸⁸.

Retomando Giorgio Baratta, o autor assevera que é possível reconhecer no contraponto uma forma dialética que estimula a articulação entre a dimensão espacial (associada a Gramsci) e a temporalidade (associada a Lukács e sua “forma sonata”)¹⁸⁹. Com base nisso, o importante ensaio *História, literatura e geografia* contribui para compreender a leitura saidiana desses aspectos, bem como os pressupostos para sua leitura particular da obra de Antonio Gramsci.

Neste ensaio, Said inicia uma reflexão sobre as fronteiras entre as áreas da história e da literatura, conforme a perspectiva apresentada por Erich Auerbach em seu já mencionado ensaio *Philologie der Weltliteratur*, que situa a filologia nesta fronteira, definindo-a como uma disciplina historicista. Segundo Said, Auerbach atribui ao filólogo o papel de “compilação e apresentação”, por meio da análise de todo o conjunto de textos e escritos herdados pela história,

¹⁸⁶ EL ZOGHBI, Ahmed Hussein. *O pensador e o mundo: A dimensão filosófica da crítica literária de Edward Said*. Orientador: Prof. Dr. Antonio José Pereira Filho. 2024. 134 p. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2024, p. 68-9.

¹⁸⁷ Cf. SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011, p. 56-73, p. 149-167 e p. 275-295.

¹⁸⁸ EL ZOGHBI, Ahmed Hussein. *O pensador e o mundo: A dimensão filosófica da crítica literária de Edward Said*. Orientador: Prof. Dr. Antonio José Pereira Filho. 2024. 134 p. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2024, p. 71.

¹⁸⁹ BARATTA, Giorgio. *As rosas e os Cadernos: o pensamento dialógico de Antonio Gramsci*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004, p. 209.

de modo a situá-los em suas respectivas épocas e contextos — sendo precisamente esta a função da filologia historicista, de raiz vicciana, oposta à filologia positivista¹⁹⁰.

Esta filologia historicista é, de acordo com Said, “a disciplina que descobre sob a superfície das palavras a vida de uma sociedade que ali está encerrada pela arte de um grande escritor”, o que exige do filólogo, em seu trabalho de interpretação, um mergulho íntimo, “uma projeção quase artística do eu naquele mundo anterior”¹⁹¹. De acordo com Said, o tipo de formação pela qual Auerbach passou e que o permitia aplicar as técnicas da filologia não existe mais, nem pode existir. “Para nossa geração”, diz Said, “sobrou a crítica”.

Auerbach herdou tudo isso [as capacidades para a análise filológica historicista] em sua formação, o que é impossível que alguém consiga hoje em dia, pois não somente teria de estudar todas as línguas européias (latim, grego, francês, italiano, espanhol, provençal etc.), como precisaria ser capaz de tratar de textos legais, históricos, numismáticos e, é claro, literários, em todos os seus detalhes e em sua complexa concretude especial. Mas mesmo tudo isso ainda não seria suficiente. É preciso também ter a coragem de reviver dentro de si mesmo toda a história da humanidade, como se fosse a própria história pessoal; em outras palavras, por um ato de criação e autodotação, o filólogo assume a história humana em seu trabalho como um espetáculo que se desdobra minuciosa e pacientemente nos textos estudados.¹⁹²

Auerbach se insere em uma tradição que vê na noção de “temporalidade” uma forma de apreender a realidade histórica e também um acervo das experiências humanas passadas, presentes e futuras. Esta mesma tradição sustenta-se a partir da visão de que a história e a literatura são correspondentes, ou seja, verificáveis entre si. É o trabalho do crítico, “por meio de um trabalho duro, do domínio de muitos textos diferentes e de uma visão pessoal”, reproduzir essas correspondências em seu trabalho intelectual¹⁹³.

Said identifica como precursor desta noção de temporalidade o filósofo alemão Friedrich Hegel (1770-1831) e como maior herdeiro teórico afiliado a esta tradição, o filósofo húngaro György Lukács (1885-1971), uma de suas maiores influências intelectuais. Ele procede com uma análise da perspectiva da temporalidade estética de Lukács, contrapondo-a à perspectiva geográfica de Antonio Gramsci na consideração entre história e cultura:

Se Lukács é o protótipo do teórico da temporalidade estética, então eu gostaria de contrapô-lo a Antonio Gramsci, cuja perspectiva sobre a relação entre história e

¹⁹⁰ “... a filologia é a disciplina interpretativa pela qual se pode discernir aquele ponto de vista peculiar sobre as coisas que é a perspectiva sobre a realidade de um determinado período”. SAID, Edward. *História, literatura e geografia*. In: SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 211. Cabe adicionar o entendimento de Antonio Gramsci sobre a filologia, definida por ele como

¹⁹¹ SAID, Edward. *História, literatura e geografia*. In: SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 211.

¹⁹² SAID, Edward. *História, literatura e geografia*. In: SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 212.

¹⁹³ SAID, Edward. *História, literatura e geografia*. In: SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 213.

cultura é mediada e influenciada por um forte *senso geográfico*. E é esse senso espacial de descontinuidade que complica e torna muito menos eficaz do que antes a possibilidade de correspondência, congruência, continuidade e reconciliação entre diferentes áreas da experiência [colocada pela dialética hegeliana herdada por Lukács]. Acredito que a consciência geográfica de Gramsci seja mais apropriada para a crítica do final do século XX, que tem de tratar de formações e experiências disjuntivas — tais como a história das mulheres, a cultura popular, materiais pós-coloniais e subalternos que não podem ser assimilados com facilidade, nem apropriados e encaixados num esquema geral de correspondências¹⁹⁴.

A opção por Gramsci impacta, de tal modo, profundamente a perspectiva saidiana sobre o papel dos intelectuais, conforme demonstrado no comentário anterior sobre a questão meridional. O repertório gramsciano permite que sejam descortinadas as formas de opressão tidas como “naturais” — como as de classe, gênero e raça — entendendo-as como resultados de processos históricos que podem ser desconstruídos. A consideração gramsciana sobre o papel dos intelectuais na formação da cultura denota a importância de disputar a hegemonia, e de fazer a crítica ao senso comum, que por vezes reproduz estas formas de opressão social. É nesta chave que a ideia de totalidade, em sua modulação saidiana, e a ideia de pensamento unitário, desenvolvida por Gramsci, estão em acordo.

Cabe, finalmente, destacar algumas considerações feitas por Said, em seu ensaio *História, literatura e geografia*, em que elabora sua forma particular de ler os escritos de Antonio Gramsci.

3.2 Considerações saidianas para uma leitura de Antonio Gramsci

Said situa a obra de Gramsci como dividida em três tipos: textos jornalísticos (em geral críticas de política e cultura), textos sobre temas de interesse que atravessaram toda sua vida (sendo eles “estudos sobre Croce, Prodigia e Maquiavel, as análises sobre os intelectuais e a organização da cultura, [e] a grande obra sobre a questão meridional”), e os Cadernos e Cartas escritas no cárcere¹⁹⁵. Destacando a atividade política engajada do autor, seu repertório variado de leituras e sua formação em filologia, Said o compara a Giambattista Vico, afirmando que, assim como seu contemporâneo não-contemporâneo, Gramsci entendia a íntima relação entre os textos e a realidade política, social, histórica e geográfica.

¹⁹⁴ SAID, Edward. História, literatura e geografia. In: SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 214.

¹⁹⁵ SAID, Edward. História, literatura e geografia. In: SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 220.

Preocupado em pensar Gramsci como produtor de uma consciência crítica “geográfica e espacial”, Said enumera alguns pressupostos para a leitura de sua obra, em especial dos *Cadernos do Cárcere*. Primeiro, deve-se ter em mente que Gramsci compreende de forma muito clara a dimensão de classe que permeia a realidade social, tendo em conta muito claramente que “o mundo é composto por ‘governantes e governados’, que há líderes e liderados; que nada é *natural* no mundo”¹⁹⁶. Do mesmo modo, para Gramsci, nada é natural ou espontâneo no campo das ideias. A cultura, as ideologias e os textos são o resultado da materialidade da disputa política pelo poder e devem ser assim situados.

O segundo aspecto a ser considerado são as duas coisas a que Gramsci se opôs diligentemente em toda sua obra. A primeira é a tendência de criar equivalências redutoras, designada como “função temporizadora e homológica”, que reduzem a singularidades e especificidades dos fenômenos. A segunda é a tendência ao determinismo presente nas análises sociais e históricas por meio da aplicação de leis econômicas, sociais e filosóficas que compartilham este caráter, inclusive no próprio campo marxista — como a vulgarização do repertório marxiano promovido pelos teóricos da Segunda Internacional.

O terceiro ponto destacado por Said é a consideração da interrelação entre ideias, instituições e classes. Principalmente, destaca-se a possibilidade de que as ideias sejam “tomadas como produções que geram não somente sua coerência e sua densidade, mas também [...] sua ‘aura’ (a palavra é de Benjamin) de legitimidade, autoridade, justificação de si mesmas”¹⁹⁷.

Em quarto lugar está a ideia de “trabalho intelectual concreto” desenvolvida por Gramsci, que está baseada na indissociação entre teoria e prática proposta por sua obra. Chega-se, assim, à práxis, e à consideração de Said de que, para Gramsci “todas as ideias, todos os textos, todos os escritos, estão embutidos em situações geográficas concretas que os tornam possíveis e que, por sua vez, os fazem estender-se institucional e temporariamente. A história, portanto, deriva de uma geografia descontínua”¹⁹⁸ — é em consonância com essa perspectiva que se desenha o argumento de Said em *Cultura e Imperialismo*.

Por fim, a quinta consideração diz respeito à terminologia crítica e geográfica presente nos escritos gramscianos. Segundo Said, as palavras fluem em seu texto, “antes deslizam do

¹⁹⁶ SAID, Edward. História, literatura e geografia. In: SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 221, grifo do autor.

¹⁹⁷ SAID, Edward. História, literatura e geografia. In: SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 221.

¹⁹⁸ SAID, Edward. História, literatura e geografia. In: SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 221.

que se fixam”, iluminando a possibilidade de conexões e elaborações complexas, em contramão às tendências deterministas que reduzem, controlam, fetichizam e reificam as categorias — esta postura é um resultado do combate de Gramsci à “função temporizadora e homológica” reproduzida pelo conhecimento instrumental¹⁹⁹.

Além disso, sua preocupação está na questão da disputa pelo poder e pela hegemonia. O poder para Gramsci não é uma abstração, é algo concreto que deve ser reivindicado e disputado. É neste sentido que Said diz que “não há redenção no mundo de Gramsci” e o situa, ao lado de Lucrécio, Giambattista Vico e Giacomo Leopardi, em uma tradição italiana de materialismo pessimista e secular²⁰⁰.

¹⁹⁹ SAID, Edward. História, literatura e geografia. In: SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 222.

²⁰⁰ SAID, Edward. História, literatura e geografia. In: SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 223.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões desenvolvidas por esta monografia tiveram por objetivo demonstrar a necessidade de disputar o papel do intelectual. As perspectivas de Edward Said e Antonio Gramsci deixam claro que a cultura, o senso comum e a produção teórica, são campos de batalha nos quais o intelectual está invariavelmente inserido, mesmo que como defensor das estruturas de dominação, como anuidor premiado, ou expectador impotente. Não é esse, porém, o papel que devem assumir os intelectuais comprometidos com a transformação da realidade e a libertação do gênero humano.

Em tempos nos quais os nacionalismos voltaram à tónica dos debates das Relações Internacionais, cabe retomar brevemente a articulação entre o intelectual e a questão nacional discutida no primeiro capítulo. Seguindo a perspectiva fanoniana, Said insiste na necessidade de construir uma cultura teórica pós-nacionalista, cuja raiz se encontra no conceito de *afiliação*.

Como já discutido, o esquema afiliativo de identidade, ainda que se apresente como alternativa mais consistente, não está isento da possibilidade de reproduzir formas de hierarquia supostamente transcendidas com a superação do esquema filiativo. É neste sentido que o intelectual não pode se deixar levar por perspectivas que não buscam a libertação, como o caso de um nacionalismo que tem o objetivo de substituir os opressores estrangeiros por opressores nativos. Assim, a perspectiva humanista saidiana faz um convite à radicalidade.

Quando se pensa nisso em articulação com a noção gramsciana de intelectual orgânico, percebe-se a necessidade de que se realize um salto qualitativo afiliativo por parte do intelectual, firmando um compromisso consciente norteado pela perspectiva da dissolução dos “grilhões forjados pela mente”²⁰¹ que constituem um entrave para a libertação e unificação do gênero humano. A maneira de incutir essa visão na massa orgânica de intelectuais se dá por meio da educação em seus diversos níveis, nos moldes da escola desinteressada pretendida por Antonio Gramsci.

Por mais que, para Gramsci, o conhecimento não tenha em si mesmo uma finalidade, deve-se lembrar que ele só “adquire sentido e força quando orientado a fermentar uma atividade prática e política”²⁰². Portanto, é através de um trabalho educativo, formador, que o intelectual

²⁰¹ SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 19.

²⁰² SEMERARO, Giovanni. *Intelectuais, educação e escola: um estudo do Caderno 12 de Antonio Gramsci*. São Paulo: Expressão Popular: 2021, p. 25.

deve ser dirigente, atuando politicamente na disputa pelo senso comum, que se encontra capturado pelo jargão idealista, e ao se colocar na trincheira da batalha pela memória e pela construção de um mundo solidário.

Essa dimensão formadora não pode passar despercebida pelo campo das Relações Internacionais, que, apesar das visões hegemônicas que presumem neutralidade, objetividade e precisão em suas análises, está permeado por narrativas que possuem o objetivo de legitimar determinadas conjunturas e hierarquias. O resgate da figura do intelectual como “persuasor permanente” desafia essa lógica, evidenciando a necessidade de uma autocrítica ao campo que seja capaz de revelar os vínculos entre sua produção teórica, supostamente “apolítica” ou “objetiva”, e a legitimação e manutenção de uma ordem internacional marcada pela exploração do homem pelo homem.

Vale destacar que este trabalho, junto ao de outros colegas do Departamento de Relações Internacionais da Universidade Federal de Sergipe, soma-se a um esforço intelectual corrente, que rema contra a maré do profissionalismo que impregnou o campo. Nesse sentido, a interlocução entre Said e Gramsci não apenas ilumina o papel do intelectual internacionalista, mas também oferece ferramentas para repensar a própria disciplina e contribuir com o processo de expansão de seus horizontes críticos.

Assim, é evidente que, longe de ocupar uma posição neutra, o internacionalista desempenha um papel decisivo nas disputas culturais e materiais que ocorrem no interior do sistema internacional. As discussões aqui propostas contribuem para que o internacionalista, por meio de uma crítica de si mesmo, seja capaz de propor novos e amplos horizontes de emancipação. Trata-se de uma tarefa urgente, que exige radicalidade crítica e engajamento político.

O pensamento gramsciano, neste sentido, fornece um instrumental sólido. Aqui, é importante dizer que Gramsci foi um dirigente político que esteve em contato constante com as massas, e compreendeu intimamente a realidade mundana que Said reconhece em sua obra. Seria absurdo dizer que Said não compreendia esta realidade, o que não é feito aqui, mas é possível questionar o que seria de seu pensamento caso fosse posto em contato com “um mundo vivo”, tal como foi Piero Gobetti.

Vivemos numa época prenunciada por Said em um de seus textos tardios, o prefácio de *Orientalismo* para a edição de 2003. Nela, “os princípios gerais da vida intelectual que um dia

formaram a base do humanismo como disciplina histórica desapareceram”²⁰³. Além disso, a educação se encontra “ameaçada por ortodoxias nacionalistas e religiosas constantemente disseminadas pelos meios de comunicação de massa”²⁰⁴.

Vinte anos depois, a situação é ainda mais catastrófica. A expansão das redes digitais controladas pelas *big techs*, o crescimento da extrema direita neofascista e do neoliberalismo, bem como o consequente agravamento das desigualdades sociais e da profunda crise climática que nos direciona ao fim do mundo, constituem o retrato de um futuro impossível. Neste sentido, conforme Said, o humanismo crítico e radical constitui “nossa última possibilidade de resistência [...] contra as práticas desumanas que desfiguram a história humana”²⁰⁵.

Em um artigo recém-publicado no jornal *Le Monde Diplomatique Brasil*, o sociólogo brasileiro Gabriel Teles dá um diagnóstico preciso do atual momento intelectual: “publica-se como nunca; pensa-se como nunca tão pouco”. A universidade neoliberal adentra seus acadêmicos, “amansa-os” desde o começo de suas trajetórias intelectuais. O que antes foi o “refúgio dos excêntricos”, passou a ser uma “fábrica de autopromoção”. Nesta universidade triunfa a forma sobre o conteúdo, não há espaço para a imaginação e impera “um deserto saturado, um vazio ruidoso em que todos publicam e ninguém lê”²⁰⁶.

É contra essas tendências que o intelectual deve ser amador e “transformar a rotina meramente profissional da maioria das pessoas em algo muito mais intenso e radical”, desta forma, “em vez de se fazer o que supostamente tem que ser feito, pode-se perguntar por que se faz isso, quem se beneficia disso, e como é possível tornar a relacionar essa atitude [do amadorismo] com um projeto pessoal e pensamentos originais”²⁰⁷. É papel do intelectual se enveredar na busca de respostas para esses questionamentos.

Por fim, cabe reconhecer que este trabalho, pelo caráter do tema que propõe, levanta mais questões do que respostas. Como já alertava Marx no prefácio à primeira edição de *O Capital*, “todo começo é difícil, e isso vale para toda ciência”. Desse modo, espera-se que este

²⁰³ SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 22.

²⁰⁴ SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 22.

²⁰⁵ SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 26.

²⁰⁶ TELES, Gabriel. O deserto da imaginação e as ruínas da universidade neoliberal. *Le Monde Diplomatique Brasil*, [S. l.], 27 ago. 2025. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/o-deserto-da-imaginação-e-as-ruínas-da-universidade-neoliberal>. Acesso em: 27 ago. 2025.

²⁰⁷ MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política: livro I: processo de acumulação do capital*. 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2017, p. 77.

trabalho possa ao menos contribuir com a ampliação dos horizontes dos futuros leitores e defrontá-los com a questão fundamental: de que lado da tragédia humana você está?

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUERBACH, Erich. Filologia de literatura mundial. In: *Ensaio de Literatura Ocidental*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2012.

_____. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2021.

BARATTA, Giorgio. *As rosas e os Cadernos: o pensamento dialógico de Antonio Gramsci*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

BIANCHI, Alvaro. *Laboratório de Gramsci: Filosofia, História e Política*. 2. ed. Porto Alegre: Zouk, 2018.

BRENNAN, Timothy. *Places of Mind: A Life of Edward Said*. London: Bloomsbury Publishing, 2021.

CALFAT, Natalia Nahas C. M. As contribuições de Edward Said à Teoria Pós-colonial: Identidade, Representação e o Oriente como Outro. In: *3º Seminário de Relações Internacionais ABRI (Associação Brasileira de Relações Internacionais)*, 2016, Florianópolis, SC. Anais do 3 Seminário de Relações Internacionais, ABRI, 2016.

CALLAGHAN, Clare. Selected Bibliography of Work about and of Edward Said's Texts. *CLCWeb: Comparative Literature and Culture*, [s. l.], v. 5, n. 4, March 2003.

COSPINE, Giuseppe. hegemonia. In: LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale (org.). *Dicionário gramsciano: (1926-1937)*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2017, p. 504-508.

COUTINHO, Carlos Nelson. Introdução. In: GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere, volume 1*. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. p. 7-44. v. 1.

DOCUMENTÁRIO “40 Horas na Memória”. Vídeo. 33min49s. Publicado pelo canal TV Ufersa. 20 jan. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PkN97kOriJc>. Acesso em 08 ago. 2025.

EDWARD SAID: The Last Interview [2003]. Vídeo. 3h25min22s. Publicado pelo canal Ambakisye-Okang Dukuzumurenyi | PhD. 24 fev. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CxW0uJBWVIY>. Acesso em: 14 jun. 2025.

EL ZOGHBI, Ahmed Hussein. *O pensador e o mundo: A dimensão filosófica da crítica literária de Edward Said*. Orientador: Prof. Dr. Antonio José Pereira Filho. 2024. 134 p. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2024.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

FIGUEIREDO, Carolina Ferreira de. A temporalidade da catástrofe palestina: uma análise da obra de Constantine Zurayk e a formação de uma historiografia da Nakba. *História da Historiografia*, Ouro Preto, v. 17, p. 1-27, 2024.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 88. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024.

FRESU, Gianni. *Antonio Gramsci, o homem filósofo: uma biografia intelectual*. São Paulo: Boitempo, 2020.

FUKUYAMA, Francis. The end of history? *The National Interest*, nº 16, 1989.

GLOBAL Empire – A Conversation With Edward Said. Vídeo. 30min25s. Publicado pelo canal TeleSUR English. 22 ago. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YvR3qeroQ2M>. Acesso em: 10 mai. 2025.

GUZZINI, Stefano. Witch geopolitics? In: GUZZINI, Stefano. *The return of Geopolitics in Europe?: social mechanisms and foreign policy identity crisis*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012, p. 18-35.

GRAMSCI, Antonio. A questão meridional. In: GRAMSCI, Antonio. *Vozes da terra: escritos de 1916 a 1926*. São Paulo: Boitempo, 2023, p. 133-170.

_____. *Cadernos do cárcere: caderno 10 (XXXIII): 1932 - 1935: a filosofia de Benedetto Croce*. Rio de Janeiro: IGS-Brasil, 2024.

_____. *Cadernos do cárcere: caderno 11 (XVIII): 1932 - 1933: introdução ao estudo da filosofia*. Rio de Janeiro: IGS-Brasil, 2024.

_____. *Cadernos do cárcere: caderno 12 (XXIX): 1932: apontamentos e notas esparsas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais*. Rio de Janeiro: IGS-Brasil, 2024.

_____. *Cadernos do cárcere: caderno 13 (XXX): 1932-1934: notas sobre a política de Maquiavel*. Rio de Janeiro: IGS-Brasil, 2024.

HEISE, Eloá. Weltliteratur, um conceito transcultural. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, São Paulo, v. 9, n. 11, p. 35-57, 2007.

HUNTINGTON, Samuel P. The clash of civilizations? *Foreign Affairs*, vol. 72, nº 3, 1993

JACOBY, Russel. *The last intellectuals: American culture in the age of academe*. New York: Basic Books, 2000.

KHALIDI, Rashid. *Palestina: um século de guerra e resistência (1917-2017)*. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2024.

KHOURY, Elias. Rethinking the Nakba. *Critical Inquiry*, Chicago, v. 38, p. 1-18, Winter 2012.

MARX, Karl. Introdução [à Crítica da Economia Política]. In: MARX, Karl. *Para a crítica da economia política; Salário, preço e lucro; O rendimento e suas fontes: a economia vulgar*. São Paulo: Abril Cultural, 1982, p. 3-21. (Os Economistas).

_____. *O Capital: crítica da economia política: livro I: processo de acumulação do capital*. 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)*. São Paulo: Boitempo, 2007.

MEDEIROS, Elita de. *Antonio Gramsci: um estudo biográfico sobre a vida do pensador*. Revista de Estudios Teóricos y Epistemológicos en Política Educativa, e24697, v. 10, p. 1-19, 2025.

PACHECO, Arturo Benito Hartmann. *A reformulação globalizada do espaço e da violência na Palestina: o mecanismo político global-local dos Acordos de Oslo*. 2020. 314 f. Tese (Doutorado em Relações Internacionais: Programa San Tiago Dantas) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Relações Internacionais: Programa San Tiago Dantas, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

PAPPE, Ilan. *A Limpeza Étnica da Palestina*. São Paulo: Editora Sundermann, 2016.

RADHAKRISHNAN, Rajagopalan. *A Said Dictionary*. Chichester: Wiley-Blackwell, 2012.

SAID, Edward. *A questão da palestina*. São Paulo: Ed. Unesp, 2012.

_____. *Beginnings: intention and method*. New York: Columbia University Press, 1985.

_____. *Cultura e Imperialismo*. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.

_____. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *Fora do lugar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. *Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. Introduction: Secular Criticism. In: SAID, Edward. *The World, the Text and the Critic*. London: Vintage, 2001. p. 1-30.

SEMERARO, Giovanni. *Intelectuais, educação e escola: um estudo do Caderno 12 de Antonio Gramsci*. São Paulo: Expressão Popular: 2021.

TELES, Gabriel. O deserto da imaginação e as ruínas da universidade neoliberal. *Le Monde Diplomatique Brasil*, [S. l.], 27 ago. 2025. Disponível em: <https://diplomatie.org.br/o-deserto-da-imaginação-e-as-ruínas-da-universidade-neoliberal>. Acesso em: 27 ago. 2025.

YASSER ARAFAT Speech Young at the United Nations in 1974 [English sutitles]. Video. 10min02s. Publicado pelo canal Nader AbuZahrieh. 11 nov. 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SQrbPhrPJ7I>. Acesso em: 24 mai. 2025.